A LIAHONA

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS • ABRIL DE 1995



A LIAHONA

ABRIL 1995



Na capa:
Für Maria, 16 anos de idade, aluna do seminário em Dunaújváros, Hungria, foi batizada quatro meses depois que sua amiga Vereckei Krisztina convidou-a para ir à Igreja. Sua história não é incomum. Todos os alunos de sua classe do seminário, *última capa*, são recém-conversos—e vários foram batizados porque alguém mais da classe falou-lhes a respeito do evangelho. Ver "Seminário no Danúbio", página 34. (Fotografia da capa, de Brian K. Kelly. Fotografia de última capa de Marvin K. Gardner.)

Capa da *Seção Infantil*:
O Médico Divino, de Harry Anderson.© *Review and Herald;* usado com permissão.

ÍNDICE

MENSAGEM DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA: NOSSA ESPERANÇA RESPLANDECENTE
PRESIDENTE GORDON B. HINCKLEY 2

"EU SOU A RESSURREIÇÃO E A VIDA"
ÉLDER ALEXANDER B. MORRISON 10

VIVER COM O PASSADO JON B. FISH 18

ÉLDER ROBERT D. HALES: VOLTE HONROSAMENTE
LARENE GAUNT 26

UM OUVIDO ATENTO TED HINDMARSH 46

ESPECIALMENTE PARA OS JOVENS

UM ABRAÇO ETERNO EDUARDO PANTOJA SOLIS 8

CURANDO FERIDAS MAIS PROFUNDAS PAUL B. THURGOOD 22

SEMINÁRIO NO DANÚBIO MARVIN K. GARDNER 34

EU TINHA QUE TENTAR DAVID HERSAM 40

PARA SUA INFORMAÇÃO 42

DEPARTAMENTOS

COMENTÁRIOS 1

MENSAGEM DAS PROFESSORAS VISITANTES: "MAIS ALEGRIA AO SERVIR" 25

SEÇÃO INFANTIL

"PAZ SEJA CONVOSCO" 2

TEMPO DE COMPARTILHAR: CREIO NO PLANO DO PAI CELESTIAL KAREN LOFGREEN 4

TER UM TESTEMUNHO É BOM BRYAN DAYLEY 6

TESTEMUNHAS ESPECIAIS 8

FICÇÃO: DOIS BREVES E UM LONGO COLEEN C. HEATON 10

MÚSICA: EM UM DIA PRIMAVERIL
VIRGINIA MAUGHAN KAMMEYER E CRAWFORD GATES 13

HISTÓRIAS DO LIVRO DE MÓRMON: HELAMÃ E OS DOIS MIL JOVENS GUERREIROS 14

SÓ PARA DIVERTIR: CESTA DE PÁSCOA D. A. WOODLIFF 16

ABRIL DE 1995, Vol. 19, nº 4
A LIAHONA, 95984 059 - São Paulo - Brasil

Publicação oficial em português de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

A Primeira Presidência: Howard W. Hunter, Gordon B. Hinckley, Thomas S. Monson

Quórum dos Doze: Boyd K. Packer, L. Tom Perry, David B. Haight, James E. Faust, Neal A. Maxwell, Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks, M. Russell Ballard, Joseph B. Wirthlin, Richard G. Scott, Robert D. Hales, Jeffrey R. Holland

Editor: Rex D. Pinegar, Joe J. Christensen

Consultores: William R. Bradford, Spencer J. Condie, John H. Groberg

Administradores do Departamento de Currículo:
Diretor Gerente: Ronald L. Knighton
Diretor de Planejamento e Editorial: Brian K. Kelly
Diretor Gráfico: Allan R. Loyborg
Gerente Gráfico da Revista: M. M. Kawasaki

International Magazines:
Editor Gerente: Marvin K. Gardner
Editor Gerente Assistente: R. Val Johnson
Editor Associado: David Mitchell
Editora Assistente/Seção Infantil: DeAnne Walker
Controlador: MaryAnn Martindale
Diretor de Arte: Scott D. Van Kampen
Desenho: Sharri Cook
Produção: Reginald J. Christensen, Jennifer Datwyler, Jane Ann Kemp, Denise Kirby

Equipe de Subscrições:
Diretor de Circulação: Thomas L. Peterson
Gerente de Circulação: Joyce Hansen
Gerente de Marketing: Kent H. Sorensen

A Liahona:
Diretor Responsável e Produção Gráfica: Dario Mingorance
Editor: Luiz Alberto A. Silva (Reg. 17.605)
Tradução e Notícias Locais: Ana Gláucia Ceciliato
Assinaturas: Loacir Severo Nunes

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob nº 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao:

Departamento de Assinaturas,
Caixa Postal 26023
05599-970 – São Paulo, SP.

Preço da assinatura anual para o Brasil: **R$ 9,00**; para Portugal – Centro de Distribuição Portugal, Rua Ferreira de Castro, 10 - Miratejo, 2800 - Almada. Assinatura Anual Esc. 500; para o exterior, simples US$ 5,00, aérea: US$ 10,00. Preço de exemplar em nossa agência: **R$ 0,75**.
As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA – © 1977 A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do "International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, nº 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº 4857, de 9-11-1930. A Liahona, revista internacional de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, é publicada mensalmente em chinês, holandês, dinamarquês, inglês, finlandês, francês, alemão, italiano, japonês, coreano, norueguês, português, samoano, espanhol, sueco e tonganês; bimensalmente em indonésio, taitiano e tailandês; e trimestralmente em búlgaro, húngaro, islandês, russo e tcheco.

Impressão: ULTRAPRINT Impressora Ltda. - Rua Bresser, 1224 - Brás - São Paulo - SP.
Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato, 2.430 - 05512-300 - São Paulo - SP - Telefone (011) 816-5811.

The A LIAHONA (ISSN 0885-3169) is published monthly by The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints, 50 East North Temple, Salt Lake City, Utah 84150. Second-class postage paid at Salt Lake City, Utah and at additional mailing offices. Subscription price $9,00 a year. $1,00 per single copy. Thirty days' notice required for change of address. When ordering a change, include address label from a recent issue; changes cannot be made unless both the old address and the new are included. Send U.S.A. and Canadian subscriptions and queries to Church Magazines, 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, U.S.A. Subscription information telephone number 801-240-2947.

Printed in Brazil

POSTMASTER: Send address changes to A LIAHONA at 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, U.S.A.

LINDAS MENSAGENS

O primeiro contato que tive com os missionários foi em 1992. Desde a primeira palestra senti algo especial em meu coração. À medida que me apresentavam as palestras, aprendi a respeito de princípios do evangelho que nunca antes pensei existirem. A primeira vez que fui a uma reunião da Igreja, os membros cumprimentaram-me cordialmente, como se já me conhecessem há muito tempo.

Fui a primeira de minha família a ser batizada. Agora minhas duas irmãs são também membros e meu pai está lendo o Livro de Mórmon.

Venho recebendo a *Liahona* (em espanhol) há já alguns meses e estou muito satisfeita com seu conteúdo.

Em uma Mensagem da Primeira Presidência, o Presidente Thomas S. Monson escreveu "Os Caminhos por Onde Jesus Andou". Seu conselho tocou-me profundamente: "Em um sentido muito real, todos podemos andar por onde Jesus andou quando, com suas palavras nos lábios, seu espírito no coração e seus ensinamentos em nossa vida, atravessamos a mortalidade."

A revista contém mensagens que nos ensinam muito. Os artigos sobre os santos e seu testemunho ajudam não apenas a mim, mas também a outros que não são membros da Igreja.

Wanda Rivera
Ramo Isabela
Estaca Mayaguez Porto Rico

REATIVADO

Durante um período de cerca de sete meses, fiquei inativo.

Então comecei a ler a *Liahona* (em espanhol) cuidadosamente e descobri que o conselho das Autoridades Gerais eram tanto vigorosos quanto persuasivos.

Baseado em minha própria experiência, convido todos os que não estejam plenamente ativos na Igreja a lerem e estudarem as mensagens contidas na revista e nas escrituras. Se o fizerem com um coração humilde, seu testemunho se tornará tão forte que terão o desejo de retornar à Igreja.

Cristino Rodríguez
Isla Patrulla
Uruguai

UM AMIGO FIEL

Meu amigo Arnaldo e eu fomos missionários da Igreja mas, após o término da missão, fiquei inativo por quase 10 anos. Arnaldo pagou a assinatura da *Liahona* (em espanhol) ano após ano. Sua fé foi recompensada. Estou ativo novamente, tenho um chamado e tive a bênção de retornar ao templo, graças a Arnaldo e à *Liahona*.

Alberto Tejada Chacón
Ala Hunter
Estaca Arequipa Central Peru

FOCALIZADO NO EVANGELHO

Sou membro da Igreja há dois anos e tenho 30 anos de idade. Os ensinamentos da Igreja e o evangelho de Jesus Cristo mudaram minha vida. Compreendo que preciso focalizar minha vida no evangelho. Dos testemunhos que leio no *Sheng Tu Chih Sheng* (em chinês), obtenho estímulo e apoio. Sou grato aos membros que prestam seu testemunho na revista.

Ngok Lau
Ala Sham Shui Po
Estaca Kowloon Hong Kong Norte

FOTOGRAFIA DE MODELOS, *À ESQUERDA*, DE CRAIG DIMOND; *À DIREITA, DE MATT REIER.*

Nossa Esperança Resplandecente

Presidente Gordon B. Hinckley
Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência

Nesta época da Páscoa, ao voltarem-se nossos corações e mentes para o sofrimento de nosso Salvador no Getsêmani, Sua crucificação e ressurreição, lembro-me de uma experiência durante o período da visitação pública do Templo do Arizona, após o mesmo ter passado por uma reforma total. Quase 250 mil pessoas visitaram o belo interior do templo. No primeiro dia da visitação, representantes eclesiásticos de outras religiões receberam um convite especial e centenas deles aceitaram-no. Foi meu o privilégio de recebê-los e responder a suas perguntas no final da visita. Disse-lhes que teríamos prazer em esclarecer quaisquer dúvidas que tivessem. Fizeram-se diversas perguntas. Dentre elas, houve uma de um ministro protestante.

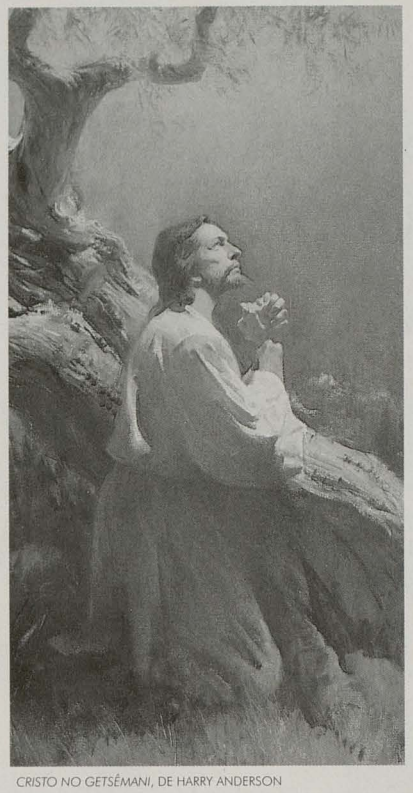
Disse ele: "Percorri todo o templo que ostenta o nome de Jesus Cristo, mas em lugar algum pude ver qualquer representação da cruz, o símbolo do cristianismo. Já observei seus edifícios em outros lugares e, do mesmo modo, notei a ausência da cruz. Por que se dá tal fato quando afirmam crer em Cristo?"



Rejubilamo-nos com os relatos de Mateus, Marcos, Lucas e João a respeito do nascimento, ministério, morte e ressurreição do Filho de Deus.

FOTOGRAFIA DE MODELOS, À ESQUERDA, DE CRAIG DIMOND; À DIREITA, DE MATT REIER.

Nunca devemos esquecer-nos do terrível preço pago por nosso Redentor: a agonia no Getsêmani, o amargo simulacro de Seu julgamento e a tortura febril de Seu corpo pendurado na cruz.



CRISTO NO GETSÊMANI, DE HARRY ANDERSON

Respondi-lhe: "Não desejo ofender nenhum de meus irmãos cristãos que usam a cruz nas torres de suas catedrais e nos altares de suas capelas, que a utilizam em suas vestes e as imprimem em seus livros e outros materiais. Mas para nós, a cruz é o símbolo do Cristo morto, enquanto que nossa mensagem é uma declaração do Cristo vivo."

Ele perguntou então: "Se não usam a cruz, qual é o símbolo de sua religião?"

A VIDA DE NOSSO POVO

Respondi-lhe que a vida de nosso povo deve tornar-se a única expressão significativa de nossa fé. Espero que ele não me tenha considerado presunçoso e orgulhoso em minha resposta. Sua observação foi correta, pois não usamos a cruz, com exceção de nossos capelães militares que a utilizam em sua farda como identificação.

Numa primeira impressão, nossa posição pode parecer contraditória, uma vez que afirmamos ser Jesus Cristo a figura chave de nossa fé. O nome oficial da Igreja é A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Nós O adoramos como Senhor e Salvador. A Bíblia é nossa escritura. Cremos que os profetas do Velho Testamento falavam sob inspiração divina quando predisseram a vinda do Messias. Rejubilamo-nos com os relatos de Mateus, Marcos, Lucas e João a respeito do nascimento, ministério, morte e ressurreição do Filho de Deus, o Unigênito do Pai na carne. Assim como Paulo da antigüidade, não nos envergonhamos do "evangelho de [Jesus] Cristo, pois é o poder de Deus para a salvação". (Romanos 1:16) E como Pedro, afirmamos que Jesus Cristo é o único nome "dado entre os homens pelo qual devemos ser salvos". (Atos 4:12)

AS ESCRITURAS PROCLAMAM O CRISTO

O Livro de Mórmon, que consideramos como o testamento do Novo Mundo, contendo os ensinamentos dos profetas que viveram na antigüidade no Hemisfério Ocidental, presta testemunho daquele que nasceu em Belém da Judéia e que morreu no alto do monte do Calvário. Para o mundo vacilante na fé, ele é mais uma testemunha vigorosa da divindade do Senhor. Seu prefácio, escrito por um profeta que andou pelas Américas há um milênio e meio, declara explicitamente que foi escrito "para convencer ao judeu e ao gentio de que JESUS é o CRISTO, o DEUS ETERNO, manifestando-se a todas as nações".

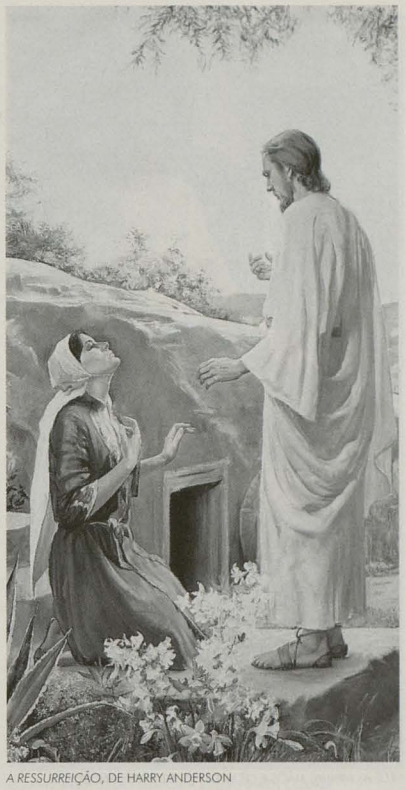
Em Doutrina e Convênios, nosso livro de revelações modernas, Ele próprio apresenta-se com estas palavras categóricas: "Eu sou Alfa e Ômega, Cristo, o Senhor; sim, sou Eu mesmo, o princípio e o fim, o Redentor do mundo." (D&C 19:1)

À luz de tais declarações, em vista de tal testemunho, muitos poderiam perguntar, como indagou o ministro no Arizona: Se professam crer em Cristo, por que não usam o símbolo de Sua morte, a cruz do Calvário?

DEVEMOS LEMBRAR-NOS DE CRISTO

Respondo que nenhum membro desta Igreja deve jamais esquecer-se do terrível preço pago por nosso Redentor, que entregou Sua vida para que todos os homens pudessem

Maria estava correta ao exclamar "Raboni!" (João 20:16) ao ver o Senhor ressuscitado, pois agora Ele era de fato o mestre, o senhor, não só da vida, mas da própria morte.



A RESSURREIÇÃO, DE HARRY ANDERSON

viver — a agonia no Getsêmani, o amargo simulacro de Seu julgamento, a maldosa coroa de espinhos rasgando-Lhe a carne, o clamor sanguinário do povo diante de Pilatos, o pesado fardo de Sua penosa caminhada até o Calvário, a terrível dor quando enormes cravos penetraram Suas mãos e pés, a tortura febril de Seu corpo pendurado ali naquele trágico dia, o Filho de Deus clamando: "Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem". (Lucas 23:34)

Isto foi a cruz: um instrumento de tortura, um terrível engenho para destruir o Homem da Paz, a malévola recompensa para Seu milagroso trabalho de curar os enfermos, fazer ver os cegos, ressuscitar os mortos. Foi essa a cruz de onde pendeu e morreu no solitário pico do Gólgota.

SEU SACRIFÍCIO POR TODOS

Não podemos nos esquecer disso. Não devemos nos esquecer disso tampouco, pois ali nosso Salvador e Redentor, o Filho de Deus, entregou-se a Si mesmo em sacrifício vicário por cada um de nós. O desânimo, porém, daquela sombria noite antes do Sabá judaico, quando Seu corpo sem vida foi retirado da cruz e apressadamente sepultado numa tumba emprestada, exauriu-se a esperança até mesmo de seus mais sábios e ardentes discípulos. Estavam desolados, não compreendendo o que Ele lhes dissera anteriormente. O Messias no qual criam estava morto. Fora-se o Mestre no qual haviam colocado todo seu anseio, sua fé e esperança. Ele, que falara de vida eterna, que levantara Lázaro da sepultura, agora havia morrido, como acontecera com todos os outros homens antes Dele. Sua vida sofrida, breve, chegara ao fim, a vida que muito antes havia sido predita por Isaías. Fora "desprezado, e o mais indigno entre os homens, homem de dores e experimentado nos trabalhos (. . .)

(. . .) ferido pelas nossas trangressões e moído pelas nossas iniqüidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele (. . .)" (Isaías 53:3, 5). Agora Ele havia partido.

Só podemos imaginar os sentimentos dos que O amavam ao ponderarem Sua morte durante as longas horas do Sabá judaico, o sábado de nosso calendário.

O MAIOR MILAGRE DA HISTÓRIA

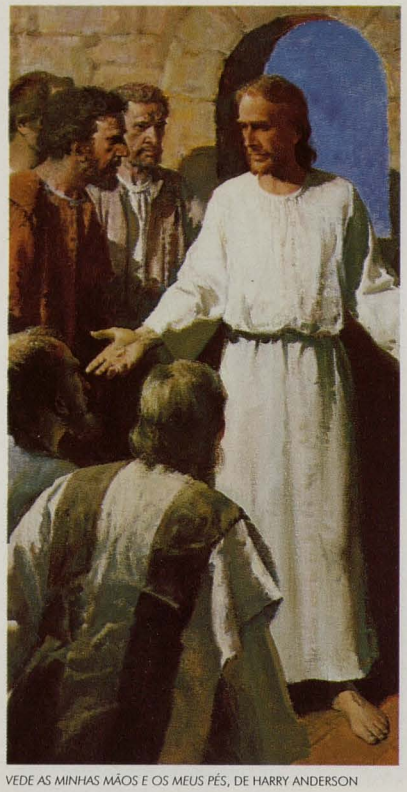
Então raiou o primeiro dia da semana, o Dia do Senhor, como passamos a conhecê-lo. Às mulheres que foram ao sepulcro cheias de tristeza, o anjo declarou: "Por que buscais o vivente entre os mortos?" (Lucas 24:5)

"Ele não está aqui (. . .) já ressuscitou, como havia dito." (Mateus 28:6)

Eis o maior milagre da história da humanidade. Ele lhes dissera anteriormente: "Eu sou a ressurreição e a vida." (João 11:25), porém não O compreenderam. Agora o sabiam. Ele morrera em sofrimento, em dor e em solidão. Agora, no terceiro dia, levantou-se em poder, beleza e vida — as primícias de todos os que dormem, a certeza para todos os homens de todos os tempos de que "assim como todos morrem em Adão, assim também todos serão vivificados em Cristo". (I Coríntios 15:22)

No Calvário, era Jesus morto. Do sepulcro, Ele surgiu como o Cristo vivo. A cruz fora o amargo fruto da traição de Judas, o ato final que se

"Não sejas incrédulo, mas crente" (João 20:27), foram as inesquecíveis palavras do Senhor naquela maravilhosa ocasião.



VEDE AS MINHAS MÃOS E OS MEUS PÉS, DE HARRY ANDERSON

seguiu à negação de Pedro. O sepulcro vazio tornou-se o testemunho de Sua divindade, a certeza da vida eterna, a resposta à pergunta de Jó: "Morrendo o homem, porventura tornará a viver?" (Jó 14:14)

O MILAGRE DA VIDA

Tendo morrido, Ele talvez pudesse ser esquecido ou, na melhor das hipóteses, lembrado como um entre muitos grandes mestres cujas vidas são condensadas em poucas linhas nos livros de história. Ressuscitado, tornou-se o Mestre da Vida. Como Isaías, Seus discípulos podiam cantar com a fé segura: "(. . .) Seu nome será: Maravilhoso, Conselheiro, Deus forte, Pai da eternidade, Príncipe da Paz." (Isaías 9:6)

Cumpridas estavam as palavras esperançosas de Jó: "Porque eu sei que o meu Redentor vive, e que por fim se levantará sobre a terra.

E depois de consumida a minha pele, ainda em minha carne verei a Deus.

Vê-lo-ei por mim mesmo, e os meus olhos, e não outros, o verão; e por isso os meus rins se consomem dentro de mim." (Jó 19:25–27)

Maria estava correta ao exclamar "Raboni!" (João 20:16) ao ver o Senhor ressuscitado, pois agora Ele era de fato o mestre, o senhor, não só da vida, mas da própria morte. Fora-se o aguilhão da morte, rompida estava a vitória do sepulcro.

O temeroso Pedro ficou transformado. Até mesmo Tomé, o cético, declarou com sobriedade, reverência e realismo: "Senhor meu, e Deus meu!" (João 20:28) "Não sejas incrédulo, mas crente" (João 20:27), foram as inesquecíveis palavras do Senhor naquela maravilhosa ocasião.

Seguiram-se aparições a muitos, incluindo, conforme registra Paulo, "uma vez [a] mais de quinhentos". (I Coríntios 15:6)

ELE APARECEU NO HEMISFÉRIO OCIDENTAL

No Hemisfério Ocidental havia outras ovelhas das quais Ele falara tempos antes. E o povo ali ouviu "uma voz que parecia vir do céu (. . .) e ela lhes dizia: Eis aqui meu Filho amado, em quem me comprazo e em quem glorifiquei meu nome—ouvi-o.

(. . .) e eis que viram um Homem descendo do céu; e ele estava vestido com uma túnica branca; e ele desceu e colocou-se no meio deles (. . .)

E aconteceu que ele estendeu a mão e falou ao povo, dizendo:

Eis que eu sou Jesus Cristo, cuja vinda ao mundo foi testificada pelos profetas (. . .)

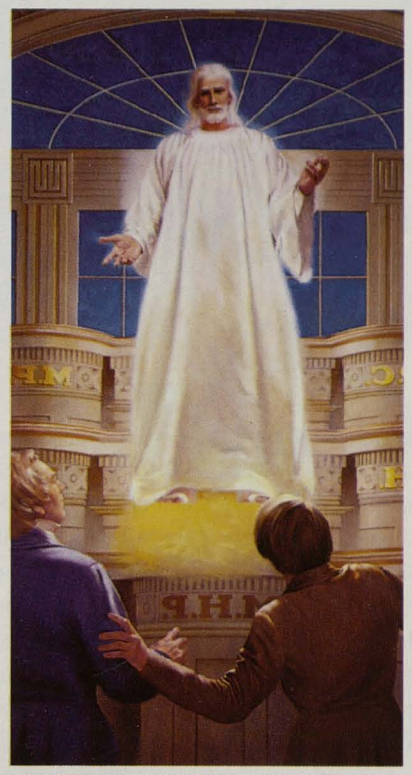
Levantai-vos e aproximai-vos de mim (. . .)" (3 Néfi 11:3, 6, 8–10, 14.)

Seguem-se neste belo relato muitas palavras do ministério do Senhor ressuscitado entre o povo da América antiga.

TESTEMUNHAS DOS DIAS MODERNOS

E finalmente existem testemunhas modernas, pois Ele tornou a vir e dar início a esta dispensação, a dispensação da profetizada plenitude dos tempos. Em uma visão gloriosa, Ele — o Senhor ressurreto, vivo — e Seu Pai, o Deus dos céus, apareceram a um profeta-menino, para dar início à restauração da antiga verdade. Seguiu-se uma verdadeira "nuvem de testemunhas" (Hebreus

Nesta dispensação, o Salvador vivo, ressurreto, apareceu diante de Joseph Smith e Oliver Cowdery no Templo de Kirtland e declarou: "Sou o primeiro e o último; sou o que vive (. . .)" (D&C 110:4)



O APARECIMENTO DO SENHOR A JOSEPH SMITH E OLIVER COWDERY NO TEMPLO DE KIRTLAND EM 3 DE ABRIL DE 1836, DE THEODORE GORKA

12:1), e ele, que fora o instrumento escolhido — Joseph Smith, o profeta moderno — declara em solenes palavras:

"E agora, depois de muitos testemunhos que se prestaram Dele, este é o testemunho, último de todos, que nós damos dele: que Ele vive!

Pois vimo-Lo, mesmo à direita de Deus; e ouvimos a voz testificando que Ele é o Unigênito do Pai —

Que por Ele, por meio Dele, e Dele, são e foram os mundos criados, e os seus habitantes são filhos e filhas gerados para Deus." (D&C 76:22–24)

Ao que se pode acrescentar o testemunho de milhões que, pelo poder do Santo Espírito, têm prestado e prestam agora solene testemunho de sua realidade viva. Esse testemunho tem sido seu conforto e força.

DEVEMOS GUARDAR SEUS MANDAMENTOS

E assim, porque nosso Salvador vive, não usamos o símbolo de Sua morte como símbolo de nossa fé. Mas, o que então haveremos de usar? Nenhum sinal, nenhuma obra de arte, nenhuma forma representada expressa adequadamente a glória e o prodígio do Cristo vivo. Ele explicou-nos qual deveria ser esse símbolo, ao dizer: "Se me amardes, guardareis os meus mandamentos". (João 14:15)

Como seguidores Dele, não podemos fazer coisa alguma vil, inferior ou desagradável sem denegrir Sua imagem. Tampouco podemos fazer um ato bom, caridoso e generoso sem dar maior brilho ao símbolo Daquele cujo nome tomamos sobre nós.

Nossa vida tem de tornar-se uma expressão significativa, o símbolo declarado de nosso testemunho do Cristo vivo, o Filho Eterno do Deus vivo.

É tão simples, meus irmãos. É tão profundo! Que jamais nos esqueçamos.

Eu sei que vive o Redentor,
O triunfante Salvador,
A morte e a dor sobrepujou,
Meu Rei, meu Líder, meu Senhor!
É a razão de minha fé
E esperança no porvir,
A luz que o rumo vem mostrar
E para o bem me conduzir.
Oh, dá-me aquela doce paz
Que só em ti posso encontrar
Oh, fortalece minha fé,
No teu caminho faz-me andar.
(*Hinos*, 1990, nº 67) □

SUGESTÕES PARA OS MESTRES FAMILIARES

1. Nunca devemos esquecer-nos do terrível preço pago por nosso Redentor no Getsêmani e no Calvário, para que tivéssemos vida eterna.

2. No terceiro dia após Sua morte, o maior milagre da história da humanidade ocorreu: a ressurreição do Senhor Jesus Cristo.

3. Jesus apareceu e deu instruções a Seus seguidores em Jerusalém e Galiléia.

4. Ele visitou e ministrou entre o povo da América antiga.

5. Ele apareceu e instruiu o Profeta Joseph Smith e outras testemunhas nos tempos atuais.

6. Nossa vida deve refletir testemunhos do Cristo vivo: "Se me amardes, guardareis os meus mandamentos". (João 14:15)

Um Abraço Eterno

Eduardo Pantoja Solis

Fiquei muito entusiasmado ao preencher os papéis para a missão. Tinha grande desejo de servir. Mas, ao mesmo tempo, sentia algo indefinível. Era um sentimento calmo, porém incomum. Não compreendendo seu significado, dei-lhe pouca atenção.

Quando recebi o chamado para trabalhar em meu próprio país, na Missão México Merida, senti a aprovação do Senhor. Aquela outra sensação também retornou, mas dessa vez achei que sabia qual era seu significado. Compreendi, de algum modo, que quando voltasse para casa após a missão, um de meus entes queridos talvez não estivesse mais lá. Senti que esse influxo vinha do Senhor, porque fiquei calmo e não tive medo.

Meu pai, minha mãe e meu sobrinho Israel acompanharam-me ao Centro de Treinamento Missionário. Ao nos despedirmos dei um abraço bem apertado em meu pai e, ao fazê-lo, pude sentir seu amor por mim—naquele momento, a sensação voltou.

Desde o início da missão senti o amor do Senhor por mim. De tempos em tempos voltei a ter a sensação de que meu pai talvez não estivesse lá quando eu voltasse para casa. Nunca tive medo, apenas o desejo de que a vontade do Senhor fosse cumprida.

No dia das mães, em 1993, telefonei a minha mãe. Enquanto conversávamos, percebi uma tristeza em sua voz que ela não conseguia esconder.

"Mãe, o que está acontecendo?" perguntei-lhe.

"Nada, filho. Apenas continue a trabalhar arduamente."

"Continuarei. Mas quero saber o que está acontecendo."

Então ela me contou: "Seu pai está muito doente. Não pode mais andar e os médicos diagnosticaram um tumor em sua cabeça. Você precisa ser forte, não importa o que aconteça."

Meu pai pediu para falar comigo. Levaram-no para perto do telefone. Com uma voz fraca ele disse: "Filho, seu chamado veio do Senhor. Não se preocupe nem pare de trabalhar. Continue a pregar o evangelho." Disse-lhe que o faria, as forças haviam-no abandonado e ele não conseguiu mais me escutar.

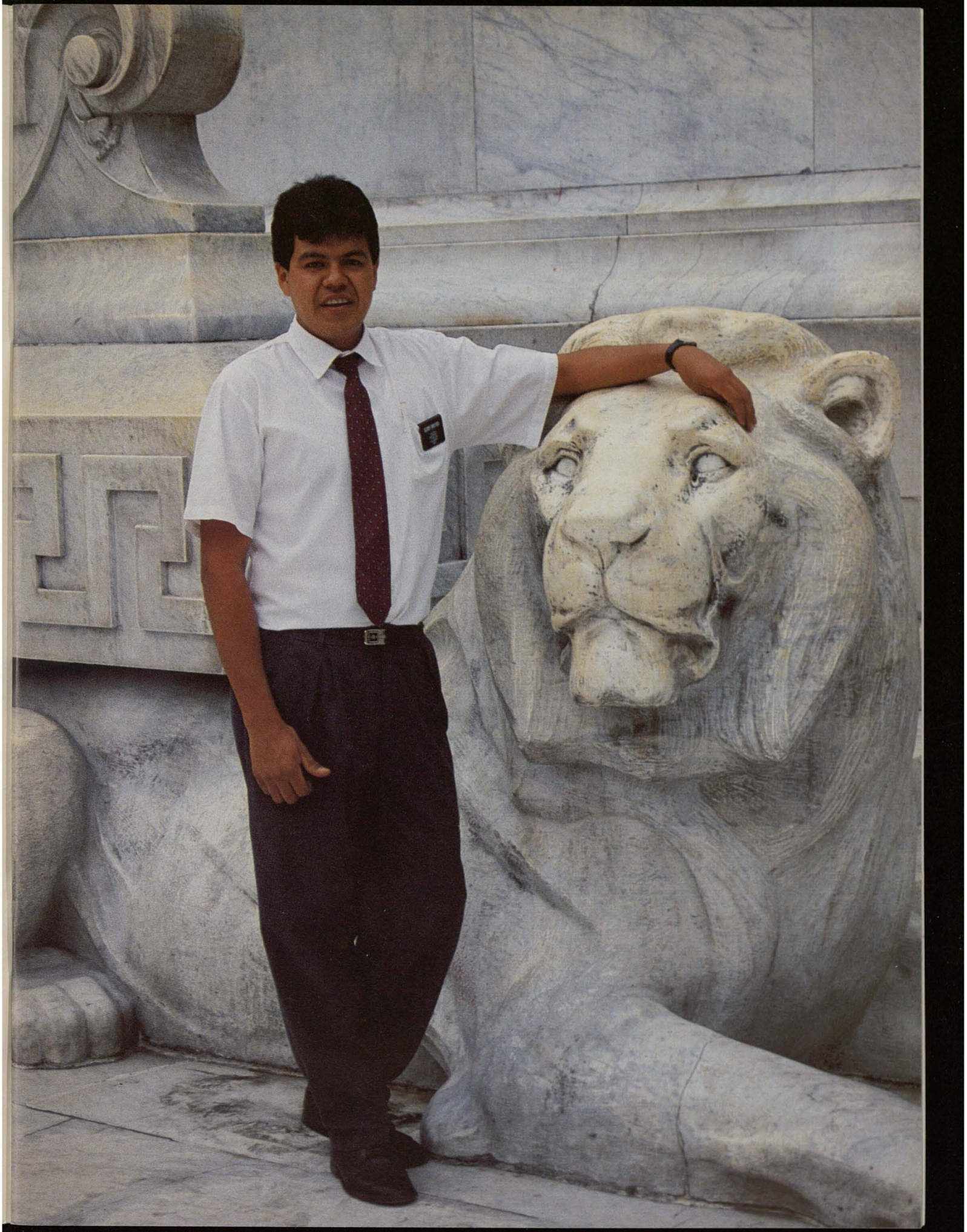
Ele faleceu três semanas depois. Quando recebi a notícia, todas as experiências que compartilhamos passaram por minha mente. Devido à sua fidelidade e bom exemplo, eu viera a apreciá-lo de todo o coração.

Quando meu pai morreu, minha irmã mais velha, que não era membro da Igreja, insistiu para que eu fosse para casa. Meu presidente de missão deu-me permissão para fazê-lo, mas senti que a obra missionária que realizava era importante demais para ser deixada para trás. E, pensei, meu pai iria querer que eu ficasse. Orei para que o Pai Celestial ajudasse minha irmã a compreender. Ele respondeu a minha oração. Quando falei com ela, seu coração havia mudado. Ela não se zangara com minha decisão e disse-me: "Sei que sua Igreja é muito importante para você e está fazendo algo bom. Apóio você."

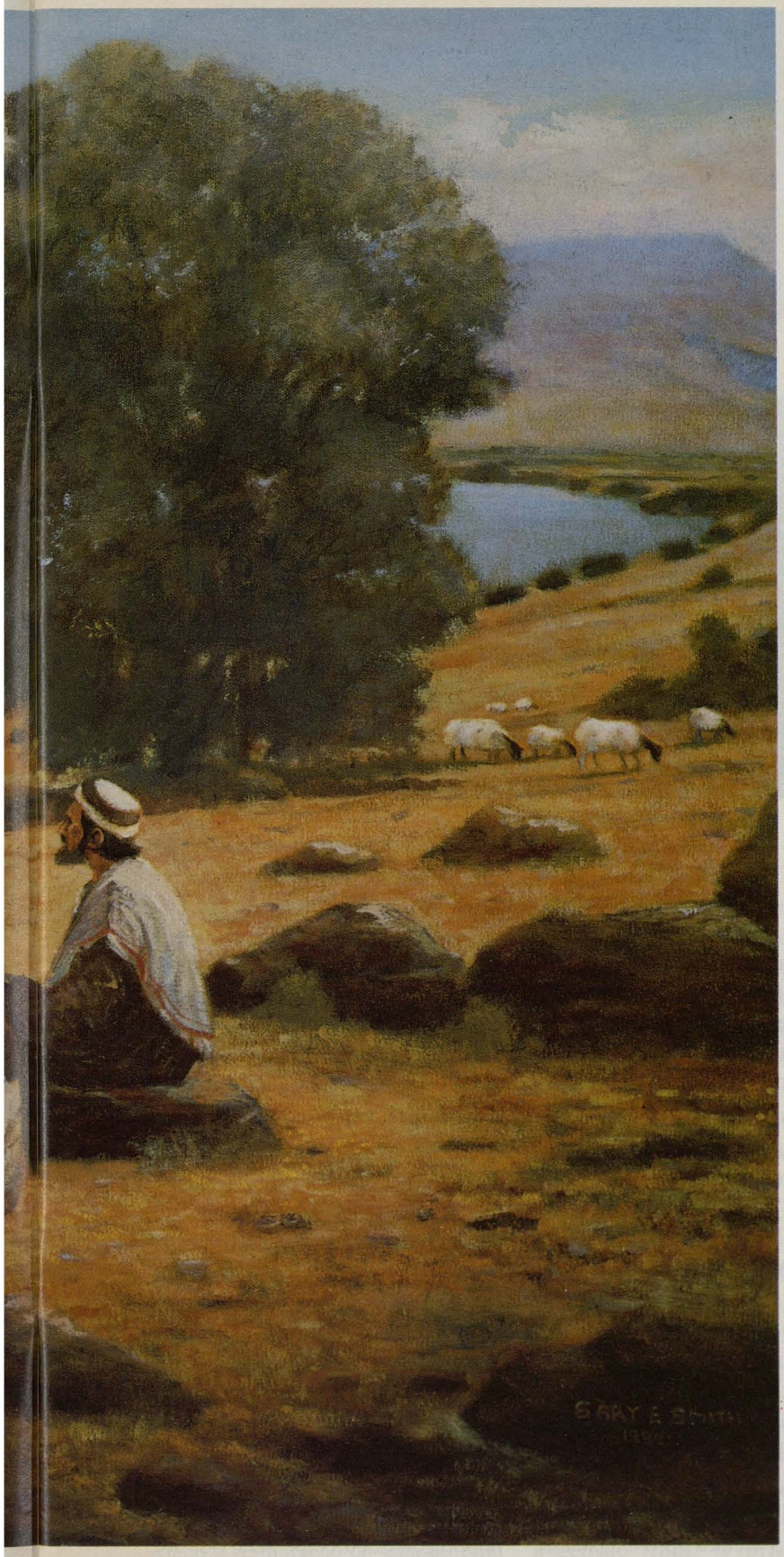
O Pai Celestial continuou a abençoar-me durante a missão. Quando voltei para casa, meu grande amigo e mestre não estava lá para receber-me. Mas eu havia fortalecido minha fé na expiação do Salvador e na ressurreição. Sou grato por ter sido selado a meus pais no dia anterior a minha ida para o Centro de Treinamento Missionário. Sei que dia virá em que verei meu pai novamente e o abraçarei com um amor eterno. □

Eduardo Pantoja Solis, ao lado de um leão de pedra no Parque Alameda, na Cidade do México.

FOTOGRAFIA DE JOSÉ GONZALEZ LOPERENA







O CRISTO RESSUSCITADO, POR GARY E. SMITH

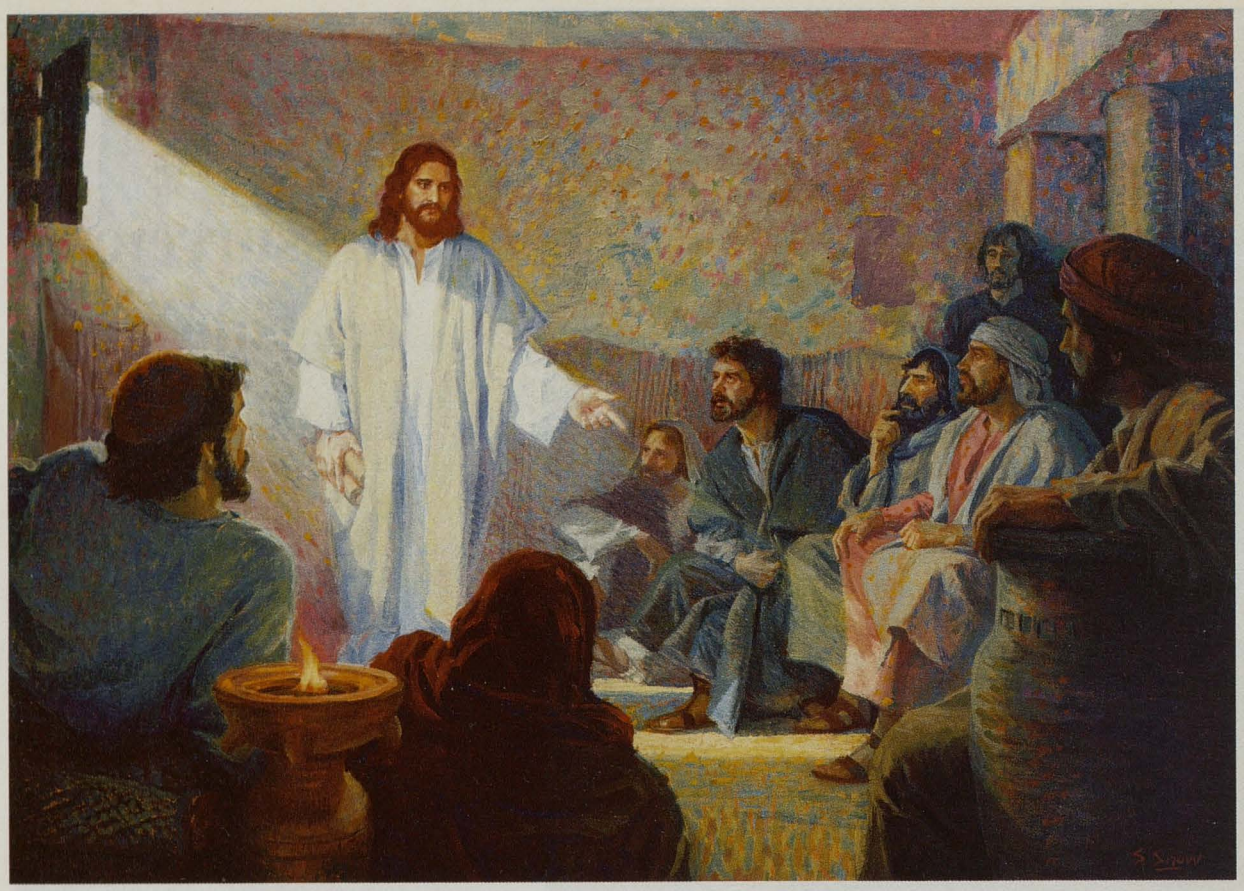
"Eu Sou a Ressurreição e a Vida"

Élder Alexander B. Morrison
Dos Setenta

Ninguém é capaz de descrever adequadamente a magnitude do Santo de Israel, que morreu por nós e ressuscitou para tornar-se "as primícias dos que dormem" (I Coríntios 15:20). Retratar a Ressurreição em sua plenitude de glória e fulgor de esperança está, creio eu, além da capacidade do homem mortal. Não podemos explicar a Ressurreição por meio do intelecto; ela desafia todas as demais experiências do ser humano. Podemos apenas vislumbrá-la — a Verdade dentre as Verdades — como que por um "espelho em enigma", entrevendo apenas um contorno não muito bem definido.

Começo por lembrar-vos uma antiga história — anterior mesmo aos escritos de Moisés. É a história de um rei da antigüidade chamado Gilgamesh, cuja busca da realidade autêntica é ainda mais antiga que a

A Bíblia relata que Jesus apareceu a muitos durante os quarenta dias antes de Sua ascensão final. Ele apareceu diversas vezes aos apóstolos restantes.



O CRISTO RESSUSCITADO, DE SCOTT M. SNOW

própria história. O que conhecemos dela está preservado em algumas placas de barro do século sete a.C., que se encontram na biblioteca real de Asurbanipal, rei da Assíria. A história, propriamente dita, data de um milênio ou mais antes de Moisés e procede do antigo reino da Suméria.

O épico nos conta a respeito da busca, por parte de Gilgamesh, da maior de todas as recompensas: a imortalidade. Após a morte de seu querido amigo Enkidu, Gilgamesh esforçou-se por encontrar o significado de sua vida e buscou — por meio de aventuras, viagens e prazeres — encontrar a imortalidade. Suas tentativas foram vãs. A vida, concluiu ele, está limitada pelo berço e pela sepultura.

À mesma triste conclusão — compartilhada por milhões de homens modernos, distantes 45 séculos do mundo antigo de Gilgamesh — devem ter chegado os zoramitas a quem Alma e Amuleque pregaram. Amuleque percebeu a perplexidade deles diante da "grande pergunta": "se a palavra está no Filho de Deus ou se não haverá Cristo." (Alma 34:5)

Nossa resposta à pergunta de Amuleque fornece uma réplica clara àqueles que são os herdeiros espirituais de Gilgamesh da Suméria. A todos os que anseiam por aprender a respeito da imortalidade mas não sabem onde encontrá-la, proclamamos que Jesus de Nazaré, ao viver na Terra 25 séculos após Gilgamesh,

No momento em que os discípulos estavam comentando os relatos daqueles que haviam visto o Salvador ressuscitado, "o mesmo Jesus se apresentou no meio deles e disse-lhes: Paz seja convosco". (Lucas 24:36)

trouxe a imortalidade para todos os homens. Ele, o Filho literal de Deus, fruto de uma mãe virgem e de um Pai poderoso, Eloim, pregou Seu maravilhoso evangelho de amor, foi traído por um de Seus seguidores mais próximos, ficou sujeito ao cruel escárnio de um julgamento que nada mais foi que uma farsa e morreu em uma cruz entre dois ladrões, no Gólgota. Seu corpo sem vida foi

sepultado num sepulcro emprestado, com a entrada bloqueada por uma grande pedra e guardado por soldados romanos. Ainda assim, quando as mulheres fiéis foram na manhã do primeiro Domingo de Páscoa preparar o corpo de seu amado Mestre com especiarias e ungüentos, encontraram uma tumba vazia e anjos que lhes disseram as maravilhosas palavras, as mais sublimes em qualquer língua: "Por que buscais o vivente entre os mortos? Não está aqui, mas ressuscitou." (Lucas 24:5–6)

Lucas, que talvez tenha ouvido o relato de testemunhas oculares, provavelmente da própria mãe de Jesus, registra que as mulheres voltaram do sepulcro e contaram essas coisas aos onze Apóstolos e a outros. Eles, a princípio, não acreditaram. Suas palavras pareceram aos discípulos "como desvario, e não as creram". (Lucas 24:11)

Há muitas razões pelas quais os antigos Apóstolos não acreditaram imediatamente que Jesus havia ressuscitado dos mortos, e a maioria dessas razões baseia-se na própria experiência humana. A morte é universal. É uma experiência tão comum quanto o nascimento. Todos passam por ela e é irreversível. Era, provavelmente, natural que os discípulos não cressem haver Jesus ressuscitado de entre os mortos. É verdade que eles haviam presenciado a restauração da vida do filho da viúva de Naim (ver Lucas 7:11–15); da filha de Jairo, o principal da sinagoga (ver Marcos 5:35–43); e do querido amigo de Jesus, Lázaro (ver João 11:43–44). Mas essas restaurações foram uma volta à vida mortal, para morrerem novamente ao terminar esta vida. A ressurreição de Cristo foi diferente de todas as demais experiências humanas. Foi uma ressurreição dentre os mortos, não para concluir uma vida mortal, mas sim para viver eternamente. Ela alterou o destino da humanidade para todo o sempre.

Uma das grandes dádivas do sacrifício expiatório do Senhor é que toda a humanidade ressuscitará dentre os mortos, que a imortalidade é dada a todos, que o inimigo chamado morte será destruído para sempre. Amuleque declarou: "O espírito e o corpo serão reunidos em sua perfeita forma; os membros e juntas serão reconstituídos em sua estrutura natural, (. . .) Ora, esta restauração acontecerá com *todos*, tanto velhos como jovens, tanto escravos como livres, tanto homens como mulheres, tanto iníquos como justos; (. . .) (Alma 11:43–44; itálicos nossos.)

A Bíblia mostra que Jesus forneceu muitas provas irrefutáveis de Sua ressurreição (ver Atos 1:3), aparecendo a muitos durante os quarenta dias que antecederam Sua ascensão final. O primeiro ser mortal a ver o Cristo ressuscitado foi Maria Madalena (ver João 20:16–17). Outras mulheres também O viram, incluindo Maria, mãe de Tiago; Salomé, mãe de Tiago e João; Joana; Suzana; e outras (ver Mateus 28:1–9; Marcos 16:1; Lucas 8:3; 23:55–24:10). Jesus também apareceu a dois discípulos no caminho de Emaús (ver Lucas 24:13–32); diversas vezes aos Apóstolos restantes (ver Lucas 24:36–43; João 20:26–28; Mateus 28:16–19), incluindo o momento de Sua ascensão (ver Atos 1:11); a diversos Apóstolos enquanto pescavam (ver João 21); a Pedro (ver I Coríntios 15:5); a Tiago (ver I Coríntios 15:7); a mais de quinhentos irmãos de uma só vez (ver I Coríntios 15:6); e a Paulo, que se considerava "o menor dos apóstolos" (I Coríntios 15:9).

A mais gloriosa das mensagens do Livro de Mórmon talvez seja a de que o Salvador ressuscitado também apareceu, em diversas ocasiões, aos nefitas fiéis. A primeira delas é retratada de maneira comovente no resumo feito por Mórmon a partir do relato de Néfi:

"E aconteceu que (. . .) viram um Homem descendo do céu; e ele estava vestido com uma túnica branca; e ele desceu e colocou-se no meio deles; e os olhos de toda a multidão estavam voltados para ele e não se atreviam a abrir a boca, nem sequer uns para os outros; e não



CRISTO VISITA OS NEFITAS, DE JOHN SCOTT

Após a ressurreição do Salvador, os Nefitas "viram um homem descendo do céu". Ele falou, dizendo: "Eis que eu sou Jesus Cristo, cuja vinda ao mundo foi testificada pelos profetas." (3 Néfi 11:8–10)

sabiam o que aquilo significava, porque supunham que era um anjo que lhes aparecera.

E aconteceu que ele estendeu a mão e falou ao povo, dizendo:

Eis que eu sou Jesus Cristo, cuja vinda ao mundo foi testificada pelos profetas." (3 Néfi 11:8–10)

Em nossos dias, o Profeta Joseph Smith viu o Senhor ressuscitado em diversas ocasiões, a partir da Primeira Visão em 1820 (ver Joseph Smith 2:16–17). Mais tarde, ele e Sidney Rigdon receberam a gloriosa visitação em Hiram, no estado de Ohio, em 16 de fevereiro de 1832, quando O viram "à direita de Deus" e aprenderam "que por Ele, por meio Dele, e Dele, são e foram os mundos criados (. . .) (ver D&C 76:22–24.) Também maravilhosa foi a visão dada a Joseph e Oliver Cowdery no Templo de Kirtland em 3 de abril de 1836:

"O véu foi retirado de nossas mentes, e abertos os olhos do nosso entendimento.

Vimos diante de nós o Senhor, de pé no parapeito do púlpito; e sob os Seus pés um calçamento de ouro puro, da cor de âmbar.

Seus olhos eram como a labareda de fogo; os cabelos de Sua cabeça eram brancos como a pura neve; Seu semblante resplandecia mais do que o sol; e a Sua voz era como o som de muitas águas, mesmo a voz de Jeová, que dizia:

Sou o primeiro e o último; sou o que vive; sou o que foi morto; sou o vosso advogado junto ao Pai." (D&C 110:1–4)

Uma das características da era em que vivemos tem sido a dúvida e o cinismo crescentes a respeito de Jesus, da realidade de Sua ressurreição e até mesmo de Sua realidade histórica. Notamos, com pesar, que estudiosos escarnecem de Cristo, negando Seu nascimento de uma virgem, Sua ressurreição, desdenhando



Seus mandamentos, substituindo as certezas de importância eterna, contidas no Sermão da Montanha, por uma ética fraca, adaptada a situações específicas.

Quão grande seria a vitória de Satanás se ele pudesse convencer os homens de que não existe um Cristo! Esta tem sido sua intenção desde o início. Mateus registrou que os sacerdotes deram muito dinheiro aos soldados que guardavam a tumba de Jesus, para que espalhassem a história que "vieram de noite os seus discípulos e, dormindo nós, o furtaram". (Mateus 28:12–13) É triste ter-se de dizer que os soldados, "recebendo o dinheiro, fizeram como estavam instruídos". (Vers. 15)

Cada vez mais, nos dias de hoje, mesmo muitos dos que se intitulam cristãos não aceitam literalmente a ressurreição de Cristo e Seu muito aguardado retorno à Terra. Para eles, o evangelho de Cristo é, basicamente, um programa social, preocupado quase totalmente com a solução dos males da pobreza, ignorância e injustiça. Alguns dizem que Jesus foi um grande mestre, um moralista inspirado, um curandeiro e milagreiro. Mas Seu papel de natureza única, como o Salvador que passou pelo sacrifício expiatório, e ressuscitou recebe cada vez menos atenção. Ainda assim, como disse Paulo: "E, se Cristo não ressuscitou logo é vã a nossa pregação, e também é vã a vossa fé. (. . .) Se esperamos em Cristo só nesta vida, somos os mais miseráveis de todos os homens." (I Coríntios 15:14, 19)

A opinião do Profeta Joseph Smith a respeito da Ressurreição contrasta profundamente com a descrença cética do mundo: "[O espírito] existiu antes do corpo, existe com o corpo e existirá separado do corpo, quando este se estiver convertendo em pó; e (. . .) na ressurreição, os dois serão unidos de novo." (*Ensinamentos do Profeta Joseph Smith, p. 203.*)

A fé dos santos dos últimos dias é diferente da do mundo. Nossa fé ancora-se nas escrituras sagradas e nas palavras dos profetas vivos, que proclamam Cristo como o pioneiro da vida. Com Jacó, proclamamos a todo o mundo as palavras de solene



A PRIMEIRA VISÃO DE JOSEPH SMITH, DE GREG K. OLSEN

O primeiro encontro do Profeta Joseph Smith com o Salvador foi no Bosque Sagrado quando ele viu "dois Personagens, cujo resplendor e glória desafiam qualquer descrição, em pé, acima de mim, no ar". (Joseph Smith 2:17)

testemunho, que "morte e inferno deverão libertar seus mortos; e o inferno deverá libertar seus espíritos cativos e a sepultura deverá libertar seus corpos cativos; e o corpo e o espírito dos homens serão restituídos um ao outro; e é pelo poder da ressurreição do Santo de Israel". (2 Néfi 9:12)

Jesus, por meio de Sua ressurreição, deu início a um novo capítulo na história do universo. É Ele quem aparece no princípio, no centro e na conclusão de toda a história. Quando aprendermos a reconhecer os "sinais e maravilhas e símbolos e figuras" (Mosias 3:15) com os olhos da fé, perceberemos que toda a verdade testifica Dele (ver 2 Néfi 11:4). Ele é a própria personificação da verdade e da luz, da beleza e da bondade, mas, acima de tudo, da vida e do amor. Tudo o que Ele fez, incluindo Sua morte na cruz, foi feito por amor. Nas palavras de Néfi: "Ele nada fez que não seja em benefício do mundo; porque ama o mundo a ponto de entregar sua própria vida para atrair a si todos os homens." (. . .) (2 Néfi 26:24)

C. S. Lewis, que tinha uma percepção incomum das "coisas como realmente são" (Jacó 4:13) disse o seguinte a respeito do que podemos fazer, uma vez que tenhamos compreendido com clareza, em nossa mente, a perspectiva da imortalidade:

"O mandamento *sede vós perfeitos* não é conversa vã, nem é o mandamento de se fazer o impossível. Ele [Cristo] vai tornar-nos criaturas capazes de obedecer a esse mandamento. Ele disse (na Bíblia) que éramos "deuses" e que Ele vai cumprir Suas palavras. Se Lhe permitirmos — pois podemos impedi-lo, se assim o decidirmos — Ele transformará o mais fraco e mais imundo de nós em um deus ou deusa, uma criatura imortal fascinante e radiante, dando-nos tal energia, alegria, sabedoria e amor que não podemos agora imaginar, um

espelho brilhante e imaculado que reflita Deus perfeitamente (ainda que, naturalmente, em grau menor) em Seu próprio poder sem limites, Sua bondade e deleite. O processo será longo e, às vezes, muito doloroso; mas é isso que podemos esperar. Nada menos. Ele falava sério." [*Mere Christianity* (A Cristandade Simples), Nova York: Macmillan Paperbacks, 1960, p. 160.]

O mandamento "sede vós perfeitos" (Mateus 5:48) não pode cumprir-se da noite para o dia, ou mesmo até o final da mortalidade. É necessário muito mais tempo para vencer nossas fraquezas e qualificarmo-nos para a divindade. A ressurreição de Cristo, que garantiu nossa imortalidade, fornece o tempo necessário para pelo menos tentarmos, seriamente, atingir a meta da perfeição.

A promessa de vida além-túmulo dá-nos uma perspectiva diferente também de nossa existência pós-mortal. Ao aprendermos que somos criaturas imortais, percebemos que a vida, que não termina no túmulo, também não começa no berço. Vivíamos antes de virmos para esta Terra. Somos criaturas das estrelas, viajantes do tempo, que viemos de longe e que, se formos verdadeiros e fiéis, retornaremos aos céus e viveremos novamente com o Deus poderoso, o Pai de nossos espíritos. O Santo Filho de Deus, nosso Salvador, cuja gloriosa ressurreição torna tudo isso possível, lá estará para estreitar-nos "nos braços de [Seu] amor". (D&C 6:20)

Como Filho de um Pai Eterno e uma mãe mortal, Cristo herdou o poder de morrer e erguer-se da morte novamente em glória ressuscitada. Sua ressurreição demonstrou Seu poder completo sobre a matéria em todas as suas manifestações e demonstrou Sua habilidade de colocar todos os inimigos, mesmo a morte, sob os pés. (Ver *Ensinamentos do Profeta Joseph Smith*, p. 289.) Ele controla a matéria, e esta lhe obedece. Ele ordena, e os mundos tomam forma; diante de Sua palavra, a sepultura esvazia-se.

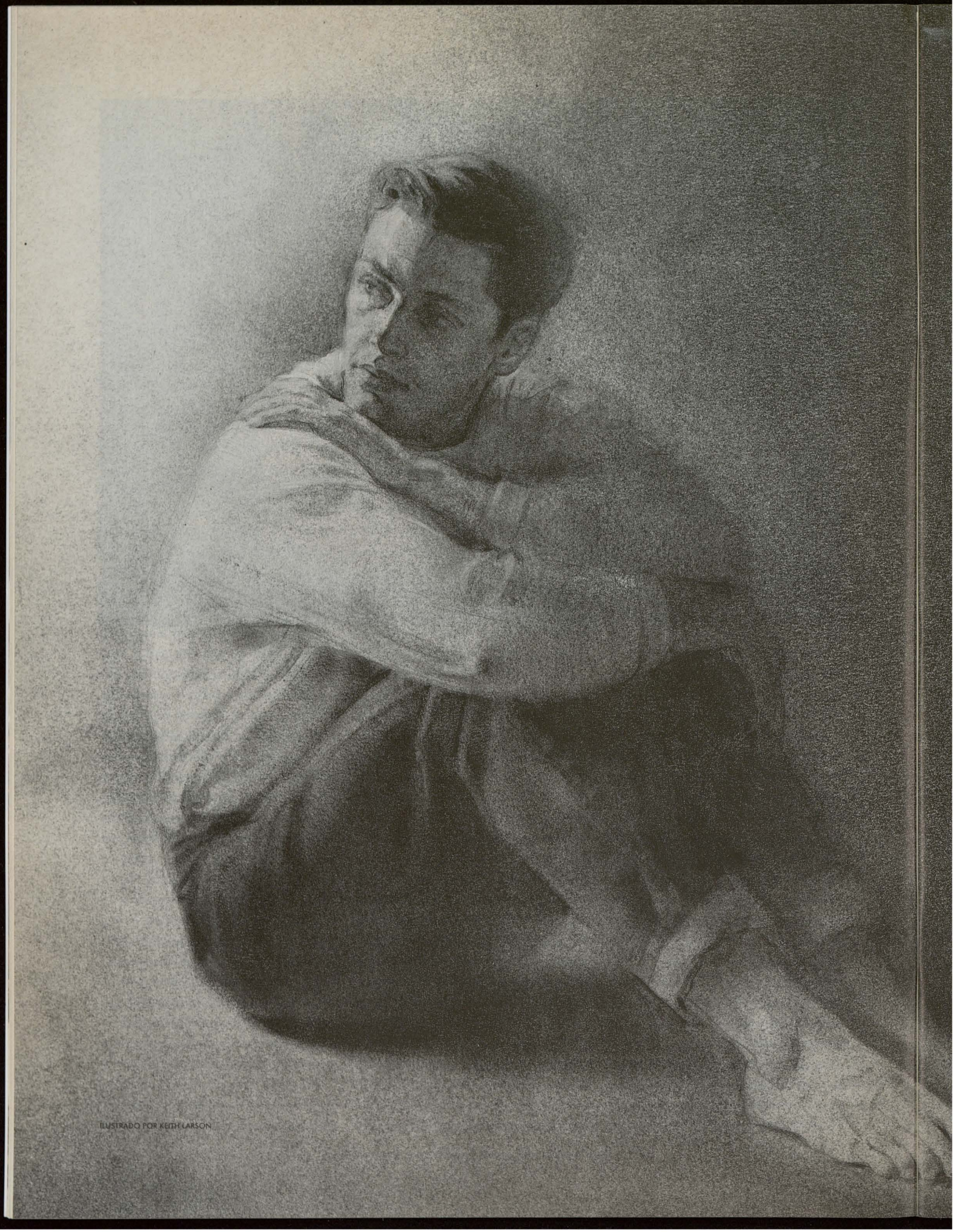
A realidade da Ressurreição é, para nós, uma lição prática a respeito de fé. Ao aumentar a iniqüidade do mundo, a fé em Cristo reduz-se. Com a diminuição da fé, menor é o número daqueles que podem responder à pergunta feita por Jó: "Morrendo o homem, porventura tornará a viver?" (Jó 14:14) A resposta de Cristo a essa pergunta ainda ecoa através dos tempos até o presente momento: "(. . .) porque eu vivo, (. . .) vós vivereis". (João 14:19)

Concluo como iniciei, com a história de Gilgamesh, o rei da antigüidade que desejava a imortalidade mas não conseguiu encontrá-la. Qual é o significado de sua busca pela verdade suprema? Simplesmente, o homem, apesar de todos os esforços e inventividade, não é capaz de encontrar o verdadeiro significado da vida por seus próprios meios. Ele não consegue, com seu próprio poder, escapar do desespero existencial que encerra a vida humana com as garras frias da morte. Só a ressurreição de Cristo provê o escape, rompendo o selo da sepultura, fazendo da morte a porta, não da extinção, mas da imortalidade e vida eterna.

Quão grandioso é o Santo de Israel, quão extraordinário é Seu sacrifício, quão devedores somos a Ele e o seremos para todo o sempre! O milagre é que, a despeito de todas as nossas fraquezas, Ele nos ama e nunca nos desamparará. A Ressurreição é a profunda evidência do amor de Deus por Seus filhos e do amor do Salvador, sublime e sem pecados, que morreu para salvar a todos nós. É Dele que cantamos com gratidão:

Eu sei que vive meu Senhor!
O meu sublime Salvador!
Que vive e reina sobre nós
A todos chama sua voz.
Que roga sempre ante Deus
Velando pelos filhos seus;
Que vive para me amparar
E minha alma acalentar.
(*Hinos*, 1990, nº 70) □

Versão resumida de uma apresentação feita aos Quóruns dos Setenta em 17 de março de 1994.



ILUSTRADO POR KEITH LARSON

VIVER COM O PASSADO

Jon B. Fish

Uma das maiores bênçãos da vida é a de sermos dignos de freqüentar o templo. Por ser um antigo bispo e integrar uma presidência de estaca, tenho tido a oportunidade de entrevistar muitos membros da Igreja em sua preparação para as bênçãos do templo.

Às vezes, as pessoas hesitam antes de responder à pergunta que trata de seus sentimentos de dignidade para entrarem no templo, por ainda lutarem com a lembrança de problemas do passado.

Toda vez que sinto que um de meus irmãos está se debatendo com algo que já passou, lembro-me das palavras de Hugh B. Brown: "Não importa qual tenha sido seu passado, seu futuro está imaculado" (*Improvement Era*, dezembro de 1969, página 95). Lembro-me também do conselho que recebi há muitos anos de um sábio presidente de estaca. "Não gaste muito tempo olhando para trás", disse ele. "Se seu passado o está alcançando e você continua a olhar para trás, qualquer dia destes ele irá atropelá-lo."

INSISTIR EM ERROS PASSADOS

Não é errado olhar para trás se compreendermos o propósito de tal atitude. O Senhor quer que aprendamos com nossos erros. Mas podemos aprender com eles somente se os mantivermos na perspectiva correta e não insistirmos neles. Cairemos em um profundo abismo de desânimo se continuamente persistirmos em erros passados. Isto é particularmente verdade no que se refere a pecados.

Certa vez participei de um conselho disciplinar da Igreja em que um irmão disse o seguinte: "Depois de ter cometido aquele pecado horrível, sabia que não haveria nenhuma chance de eu ir para o céu." Ele havia perdido seu caminho na escuridão. Por engano pensara que aquele único pecado arruinaria para sempre sua oportunidade de alcançar a glória eterna. Esse homem precisava de uma compreensão maior de que Jesus Cristo morreu e expiou nossos pecados. Sua expiação permite-nos sobrepujar nosso passado por meio do arrependimento.

CULPAR-NOS EXCESSIVAMENTE

Podemos também ficar desanimados ao nos culparmos por pecados que não cometemos. Por exemplo, pessoas que são vítimas de abuso com freqüência sentem-se responsáveis de algum modo pelo abuso que sofreram. Algumas vezes sentem-se até mesmo culpadas por terem sobrevivido ao abuso.

Isto me lembra uma guerra há muito tempo, em que três rapazes foram atingidos por um ataque inimigo. Um deles foi levemente ferido, os ferimentos do outro deixaram-no em estado crítico e o terceiro morreu. Durante muitos anos, o que ficou menos ferido torturou-se perguntando-se qual a razão de haver sobrevivido. Debateu-se consigo mesmo até convencer-se de que, de algum modo, havia pecado por não ter morrido.

Seus sentimentos de culpa quase que o destruíram.

Somente 40 anos depois, quando seu próprio filho voltou para casa seriamente ferido de uma outra guerra, é que o pai aceitou e sentiu gratidão por não ter morrido. Por haver sobrevivido, ele passou pelo mesmo trauma que seu filho estava atravessando então. Agora podia ser solidário e ajudar o filho.

Ao ajudar o filho dessa maneira singular, finalmente encontrou paz. Disse ele: "Meu único pesar é que olhei para trás todos esses anos, em vez de olhar para o futuro". Ele se culpava por algo que não podia controlar. E a auto-reprovação impediu-o de desfrutar tudo o que poderia ter desfrutado na vida. Agora, o passado era uma bênção para ele e uma grande ajuda para o filho.

Da mesma forma, aqueles que são vítimas dos pecados de outros continuarão a ser vítimas, caso se culpem e vivam no passado. A cura vem quando buscam a ajuda do Senhor para se elevarem acima da tristeza e transformarem sua dor em bênção.

MEDO DAS CONSEQÜÊNCIAS

Algumas vezes o medo das conseqüências de confessar um pecado faz com que continuemos a viver no passado.

Certa vez aconselhei uma irmã já idosa, que mantivera no coração um pecado cometido quando adolescente. Todas as vezes que olhava para cada uma das pessoas a quem fizera mal, chorava por dentro.

Fiquei imaginando por que ela não havia ainda dado ouvido ao conselho do Senhor: "Por este meio podereis saber se um homem se arrepende de seus pecados—eis que ele os confessará e os abandonará". (D&C 58:43)

Disse-me ela: "Não consegui reunir a coragem para confessar meu pecado. Finalmente senti-me tão cansada de olhar para trás que não conseguia prosseguir. Nestes últimos tempos tenho sentido medo de não poder purificar minha alma antes de morrer."

Meu coração condoeu-se dela. Abandonara o pecado muitos anos antes mas, por nunca havê-lo confessado, não conhecera a alegria de sentir-se perdoada. Nunca fora capaz de esquecer o passado. Após a confissão, sentiu-se em paz. Posteriormente estive em seu funeral, senti gratidão por ela finalmente ter sido capaz de parar de olhar para trás.

O tempo cura as feridas, mas somente se os passos apropriados forem seguidos. O medo pode levar à tristeza e à dor. A única libertação real é o arrependimento.

ACEITAR O DOM DO ARREPENDIMENTO

O Pai Celestial providenciou a expiação para que pudéssemos nos elevar acima da tristeza e da dor.

Certa ocasião, enquanto conversava com um amigo de quem não tinha notícias há vinte anos, ele mencionou um incidente da época em que estudáramos juntos. Perguntou se me recordava do fato. Disse-lhe que não.

"Você deve ter-me confundido com outra pessoa", disse eu.

"Não!" insistiu ele. "Ambos estávamos envolvidos."

Mais tarde contei o ocorrido a um de meus irmãos mais velhos, exprimindo-lhe meu espanto por um velho amigo acusar-me de algo que não havia feito.

"Bem, caro irmão", riu ele. "Lamento ser o portador de más notícias, mas foi você. Lembro-me bem do incidente."

Fiquei aflito. Pensei a respeito e fiquei preocupado durante vários dias. Como poderia ter esquecido de meu envolvimento naquela experiência desconcertante? Então, encontrei um versículo no Livro de Mórmon que descrevia como a dor de Alma dissipara-se quando se arrependeu; daquele momento em diante ele "não foi atormentado pela lembrança de (Seus) pecados". (Alma 36:19) Ao ler esse versículo, percebi que, ao me arrepender, o remorso que senti deve ter-me aliviado tanto, que esqueci-me por completo da experiência.

Naturalmente não nos esquecemos de *todos* os pecados que cometemos. Nem deveríamos. Lembrar de experiências passadas ajuda-nos a evitar erros no futuro. Mas mesmo que nos lembremos de nossos pecados, não precisamos persistir neles. Não precisamos continuar a desenterrar sentimentos de culpa ou desânimo. Como Alma, podemos ser abençoados para que "não [nos lembremos] de [nossas] dores" (Alma 36:19; grifo nosso).

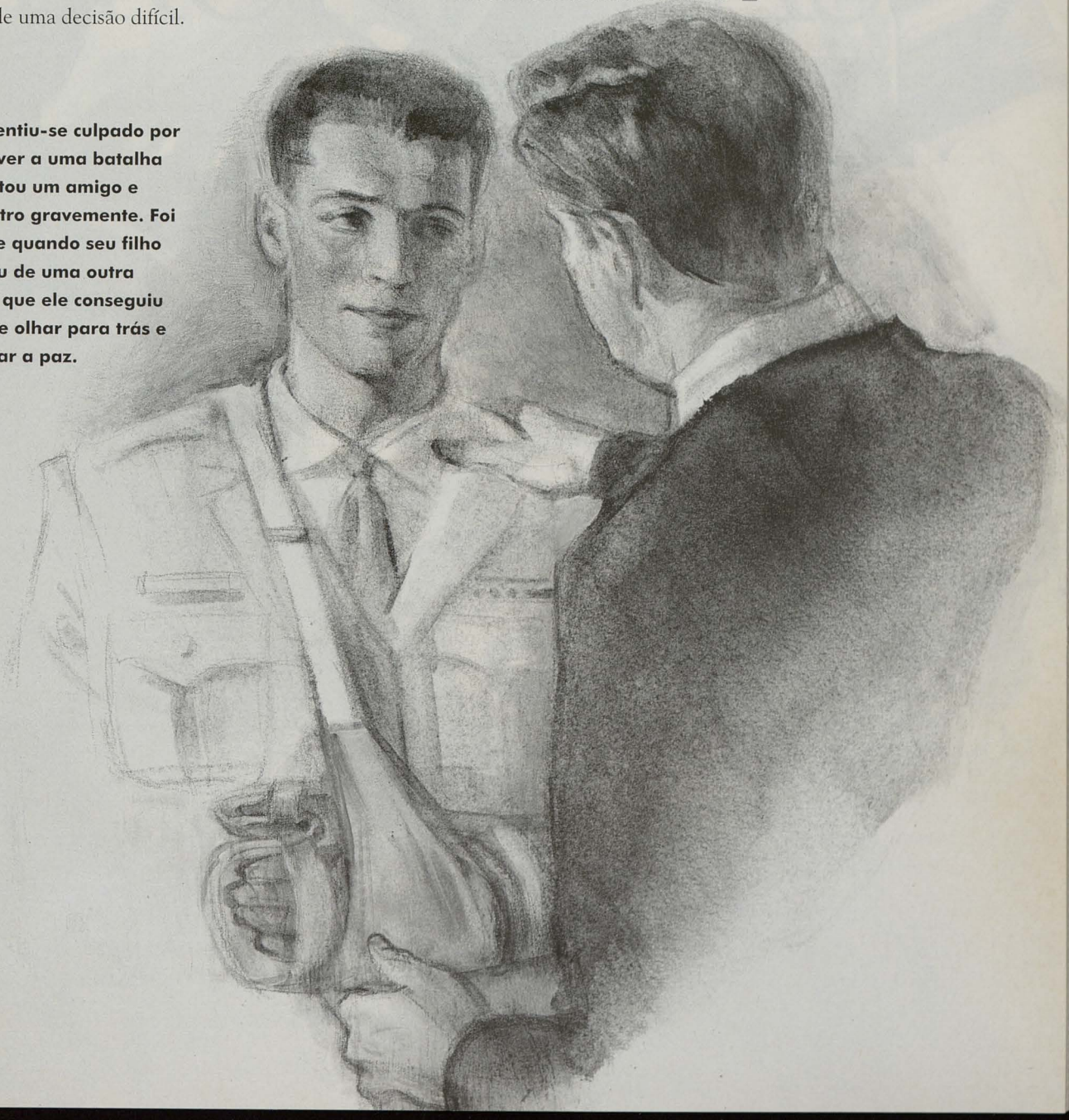
Reconhecer a bênção da expiação e fortalecer nosso testemunho de Cristo e de Seu sacrifício levar-nos-á a um arrependimento pleno e completo. Ao fazermos isso, a paz substituirá a dor e nos dará uma perspectiva de como e quando olhar para trás.

Certa vez ouvi uma mãe aconselhar o filho confuso diante de uma decisão difícil.

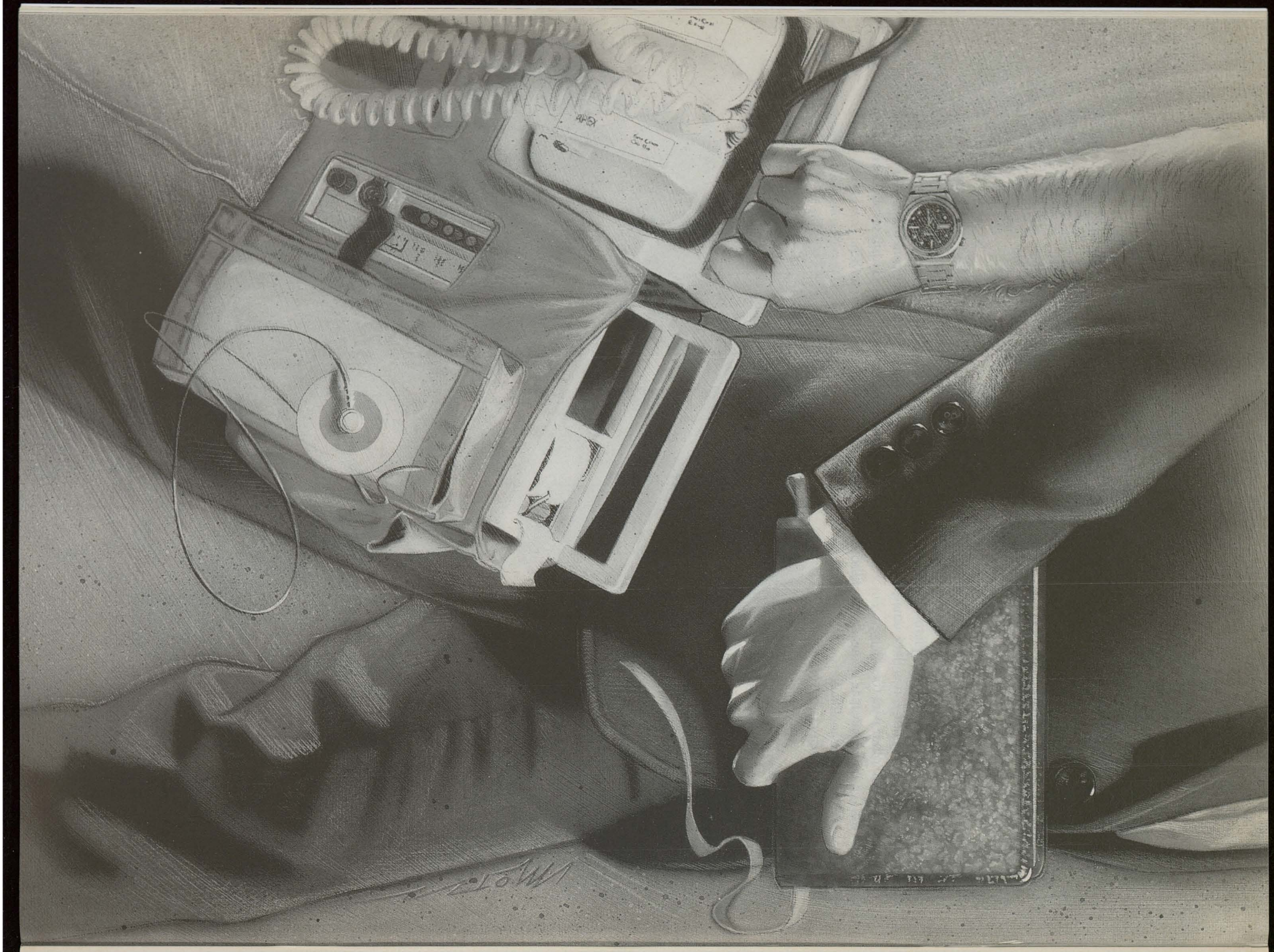
"Como saber o que devo fazer?" perguntou.

Sua resposta se aplica à maioria das escolhas que temos de fazer na vida. "Olhe para a luz", disse-lhe ela.

Eu acrescentaria: "E não olhe para trás. Deixe o passado no passado. Alegre-se por Jesus Cristo ter dado a cada um de nós um novo futuro brilhante." □



O pai sentiu-se culpado por sobreviver a uma batalha que matou um amigo e feriu outro gravemente. Foi somente quando seu filho retornou de uma outra guerra, que ele conseguiu parar de olhar para trás e encontrar a paz.



ILUSTRADO POR ROGER MOTZKUS

CURANDO FERIDAS MAIS PROFUNDAS

Paul B. Thurgood

Lembro-me de como o barulho agudo da sirene dava-me arrepios sempre que via uma ambulância passar apressadamente. Como eu queria estar no volante daquele carro, correndo para ajudar pessoas doentes e feridas! Quando cresci um pouco mais, meu sonho tornou-se realidade. Cursei primeiros-socorros, ciências humanas e, finalmente, fiz um treinamento como técnico de emergências médicas.

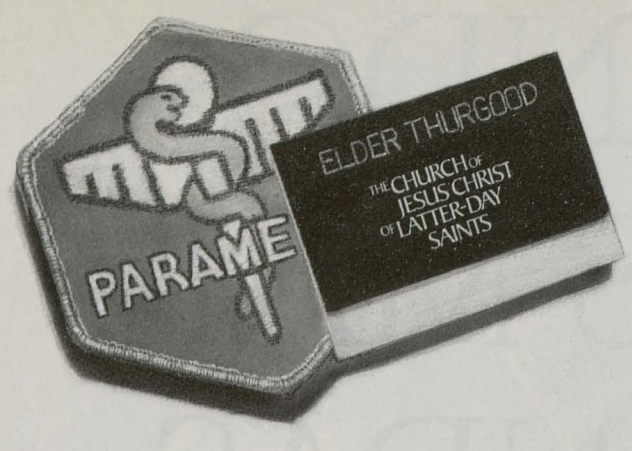
Tinha recém-terminado o colegial quando consegui meu primeiro emprego como ajudante em ambulância. Progredi rapidamente em meus conhecimentos de atendimento de emergência. Aprendi muitas coisas sobre a vida, coisas que normalmente as pessoas só aprendem quando ficam bem mais velhas do que eu era. Fui também exposto a muitas provações e tentações que nunca tivera antes.

Eu trabalhava num ambiente não-Mórmon. Era o tipo de ambiente contra o qual meus líderes da Igreja já me haviam prevenido muitas vezes, mas, naquela época, julguei que não precisava me preocupar muito com isso. Meu trabalho começou a conflitar com minha freqüência na Igreja. Comecei a questionar-me e várias vezes pensava no que seria de meu futuro. Podia ver-me progredindo nos campos mais altos da medicina e parecia nada haver no meu caminho. Então, quando fiz 19 anos, fui para a Califórnia e candidatei-me ao programa paramédico de um hospital. Fui aceito para começar no semestre seguinte. Sabia que aquilo era exatamente o que eu queria.

De repente, despertou-me a idéia—*e a missão?* Bem, eu sempre dissera aos amigos e à família que cumpriria missão, é claro. Já o tinha dito até ao meu patrão. Tudo isso, porém, parecia sem importância agora. Só o que conseguia enxergar era a satisfação pessoal e não me importava o tipo de desenvolvimento espiritual que certamente perderia. A voz do profeta ainda ecoava em meus ouvidos: "Todo rapaz deve cumprir missão." Um outro pensamento, porém, sempre me voltava à mente: "Daqui a dois anos, olhe onde você pode estar como paramédico!"

Eu não sabia o que fazer. No fundo sabia que o certo era cumprir missão, mas estava influenciado pelo egoísmo. Resolver ir ou não ir para a missão tornou-se

ILUSTRADO POR ROGER MOTZKUS



um pensamento constante, desde a hora que acordava até a hora de ir para a cama. Meus turnos eram de 24 horas, ou seja, eu tinha tempo à vontade para pensar.

Uma noite, logo depois de adormecer, fui acordado pelo som do telefone. A patrulha rodoviária estava chamando uma ambulância para socorrer um acidente na via expressa. Em pouco tempo eu estava no local. Um carro pequeno espatifara-se na traseira de um caminhão carregado de estacas de madeira. O carro, muito danificado, tinha dois ocupantes—um casal jovem recém-casado. O marido, que estava dirigindo, morreu instantaneamente. A esposa estava gravemente ferida. Trabalhamos desesperadamente para salvar a vida daquela bela mulher de 19 anos, que pouco a pouco expirava. Pensei: *Como pôde algo tão terrível acontecer a este casal e destruir totalmente seus planos futuros e sua felicidade?*

Levamos a jovem rapidamente para o hospital, onde uma equipe de médicos e enfermeiros altamente treinados a aguardava. Logo um helicóptero chegou para transportá-la para a Cidade do Lago Salgado, onde receberia tratamento especial para um grave ferimento na cabeça.

Quando me acalmei do choque do acidente, perguntei ao patrulheiro rodoviário quem iria notificar o ocorrido aos parentes mais próximos do casal. Nunca esquecerei sua expressão solene e o brilho de lágrimas que tinha nos olhos antes de pegar o carro e afastar-se. Pensei: *Que tarefa angustiante! E se fossem meus pais a serem avisados?* Então, tive um outro pensamento: *Qual será a expressão que terei no rosto quando der ao Salvador um relato do tempo que passei aqui na mortalidade?*

O ar noturno estava frio, com a recente geada. Observando a noite, reparei na limpeza e tranqüilidade do céu. Lágrimas rolaram livremente por minha face e, quando dei por mim, estava implorando ao Senhor pela vida daquela jovem. Naquele momento, quando meu coração realmente pareceu inchar dolorosamente de amor e compaixão, finalmente comecei a entender. Médicos, enfermeiros e paramédicos eram maravilhosos, mas só podiam tratar do corpo. Não podiam curar as feridas mais profundas, aquelas que podiam nos impedir de voltar para o lar de nosso Pai. Somente Um Médico podia ajudar-nos nesse sentido, e eu estava negando a mim mesmo a oportunidade de ser Seu ajudante. Tomei uma decisão. Faria tudo que pudesse para ajudar o plano do Mestre Curador. Sairia em missão.

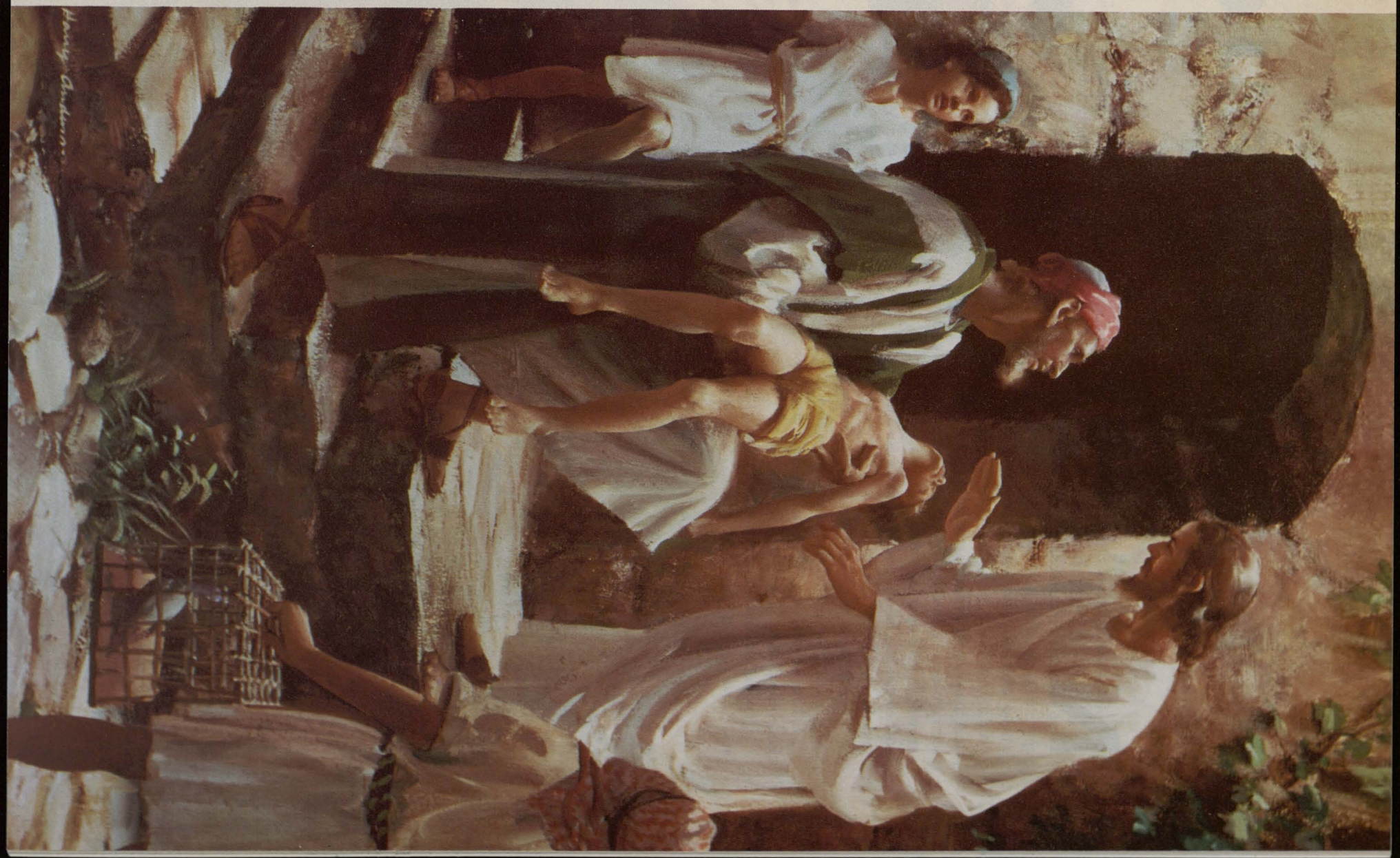
Os dias iam e vinham. Finalmente, um mês após o acidente, soube que minhas orações haviam sido respondidas. A jovem recebera alta do hospital, totalmente recuperada. Quanto agradeci ao Pai Celestial por aquela resposta! Agora era hora de corresponder à promessa de fazer missão.

Ao orar e preparar-me, o Espírito confirmou que eu devia servir ao Senhor como missionário. Nunca me esquecerei da sensação doce e calma que me sobreveio quando o patriarca da estaca proferiu minha bênção patriarcal. Tampouco esquecerei a mesma sensação quando abri a carta do profeta de Deus, chamando-me para servir na Missão Pensilvânia, Harrisburg. E durante o tempo em que servi na Pensilvânia como representante de Jesus Cristo, tive aquela sensação agradável e tranqüila de saber que tinha tomado a decisão certa.

Antes de ir para o campo missionário eu pensava que não existia maior contentamento do que saber que uma pessoa estava com saúde de novo por causa da minha ajuda. Mas eu estava errado. Não há no mundo melhor sensação do que saber que ajudamos alguém a buscar alegria e felicidade verdadeiras, encontradas somente no evangelho de Jesus Cristo. □

SEÇÃO INFANTIL

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS • ABRIL DE 1995



"PAZ SEJA

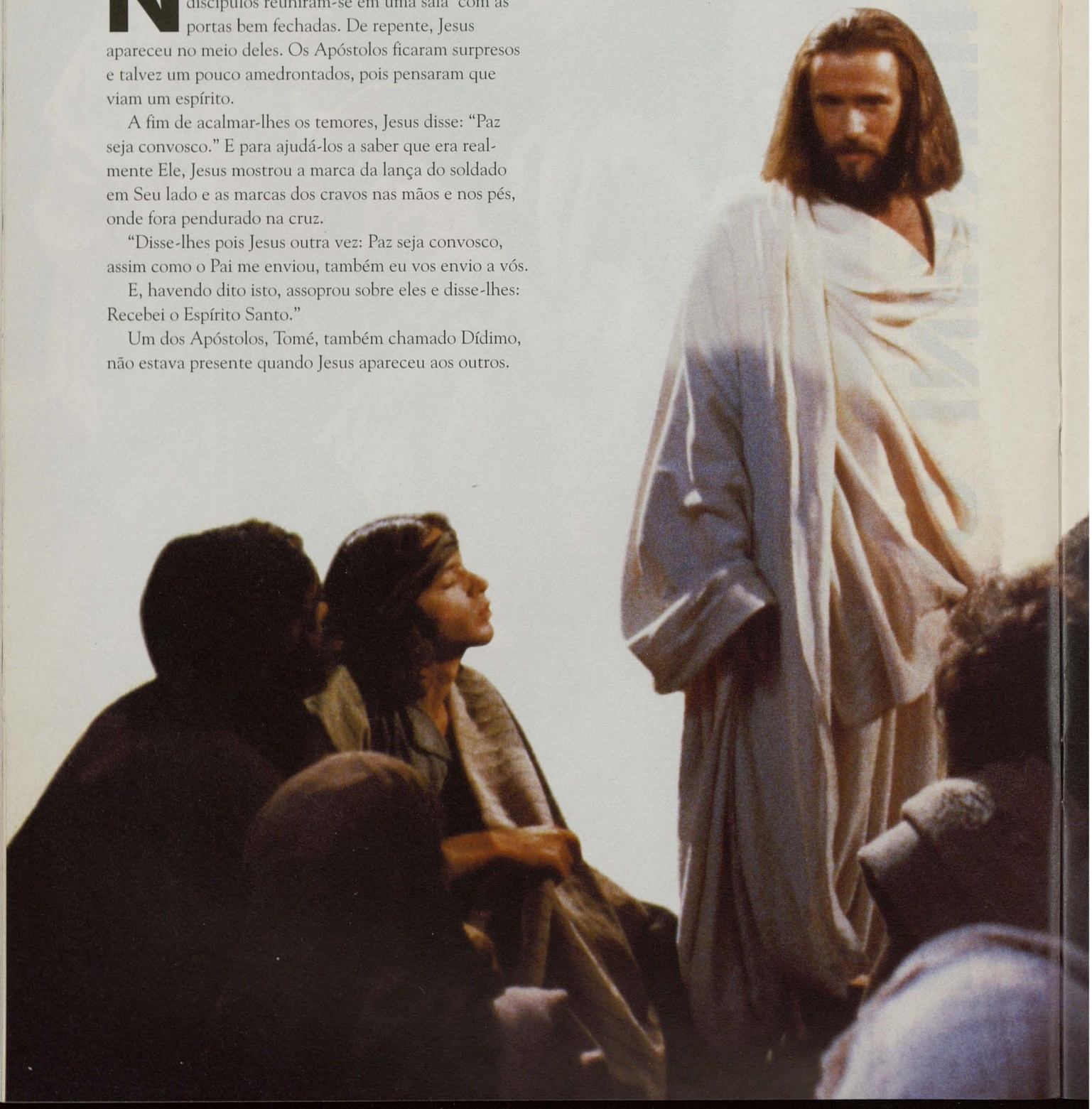
Na tarde do dia em que Jesus ressuscitou, os discípulos reuniram-se em uma sala com as portas bem fechadas. De repente, Jesus apareceu no meio deles. Os Apóstolos ficaram surpresos e talvez um pouco amedrontados, pois pensaram que viam um espírito.

A fim de acalmar-lhes os temores, Jesus disse: "Paz seja convosco." E para ajudá-los a saber que era realmente Ele, Jesus mostrou a marca da lança do soldado em Seu lado e as marcas dos cravos nas mãos e nos pés, onde fora pendurado na cruz.

"Disse-lhes pois Jesus outra vez: Paz seja convosco, assim como o Pai me enviou, também eu vos envio a vós.

E, havendo dito isto, assoprou sobre eles e disse-lhes: Recebei o Espírito Santo."

Um dos Apóstolos, Tomé, também chamado Dídimo, não estava presente quando Jesus apareceu aos outros.



C O N V O S C O "

(João 20:19–29)

Quando soube da visita do Salvador, não acreditou nos outros Apóstolos. Contudo, oito dias depois, Tomé estava reunido com os discípulos a portas fechadas quando, sem avisar, Jesus novamente apareceu na sala. E novamente acalmou seus temores dizendo: "Paz seja convosco."

Então, conhecendo as dúvidas de Tomé, Jesus disse-lhe: "Põe aqui o teu dedo, e vê as minhas mãos; e chega a tua mão, e mete-a no meu lado; e não sejas incrédulo, mas crente."

Percebendo Tomé que tudo o que havia ouvido era verdade, respondeu: "Senhor meu, e Deus meu!"

Após esse incidente, Jesus explicou a Tomé a diferença entre a crença e a verdadeira fé:

"Porque me viste, Tomé, creste; bem-aventurados os que não viram e creram." □



CREIO NO PLANO DO PAI CELESTIAL

Karen Lofgreen

"Oh! Quão grande é o plano de nosso Deus!" (2 Néfi 9:13)



Antes de nascer na Terra você vivia com o Pai Celestial. Enquanto estava lá, realizou-se uma reunião importante e o Pai Celestial apresentou um plano que permitiria que você fosse como Ele algum dia. Parte do plano consistia em receber um corpo físico e em aprender a escolher o que é certo e a fazer o bem. Você decidiu seguir o plano do Pai Celestial.

Aurélia Spencer Rogers era muito jovem quando começou a escolher o que é certo e a fazer o bem. Tinha seis anos de idade quando seus pais se filiaram à Igreja. Mudaram-se de Deep River, Connecticut, para Nauvoo, estado de Illinois. Quando os santos foram obrigados a deixar Nauvoo, a mãe de Aurélia faleceu, deixando sete filhos pequenos. Ela, seus irmãos e seu pai atravessaram o Rio Missouri e foram para Winter Quarters, estado de Nebraska, onde ele construiu uma cabana de madeira para morarem. Quando Aurélia tinha 12 anos, seu pai foi chamado para servir missão na Grã Bretanha. Enquanto ele estava longe, Aurélia e sua irmã Ellen, de 14 anos, cuidaram da família.

Durante toda a vida, Aurélia amou e preocupou-se com as crianças. Quando era recém-casada, sentiu que os pais precisavam de ajuda para ensinar o evangelho aos filhos. Quando a Primária da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias foi organizada, em 1878, chamaram Aurélia para ser a primeira presidente. Hoje, todos podemos tirar proveito da Primária porque Aurélia Spencer Rogers seguiu o plano do Pai Celestial, escolhendo o que é certo e fazendo o bem.

Instruções

Os princípios citados na 13ª Regra de Fé sugerem algumas boas ações que podemos realizar. Na página ao lado há uma estrada mostrando o caminho da boa ação. À medida que seguir o plano de Deus e fizer boas ações, escreva o que fez em um dos cartazes. *Pratique as boas ações relacionadas abaixo de seu retrato.* Escolha e faça algumas outras boas ações. Talvez queira incluir: um discurso na Primária, algo para tornar seu lar mais agradável, ser paciente, ser corajoso e elogiar alguém. Quando tiver preenchido todos os cartazes do caminho, pinte a figura. Depois pinte e recorte o distintivo e use-o como lembrança de que estará seguindo o plano do Pai Celestial quando decidir fazer o bem.

Idéias para o Tempo de Compartilhar

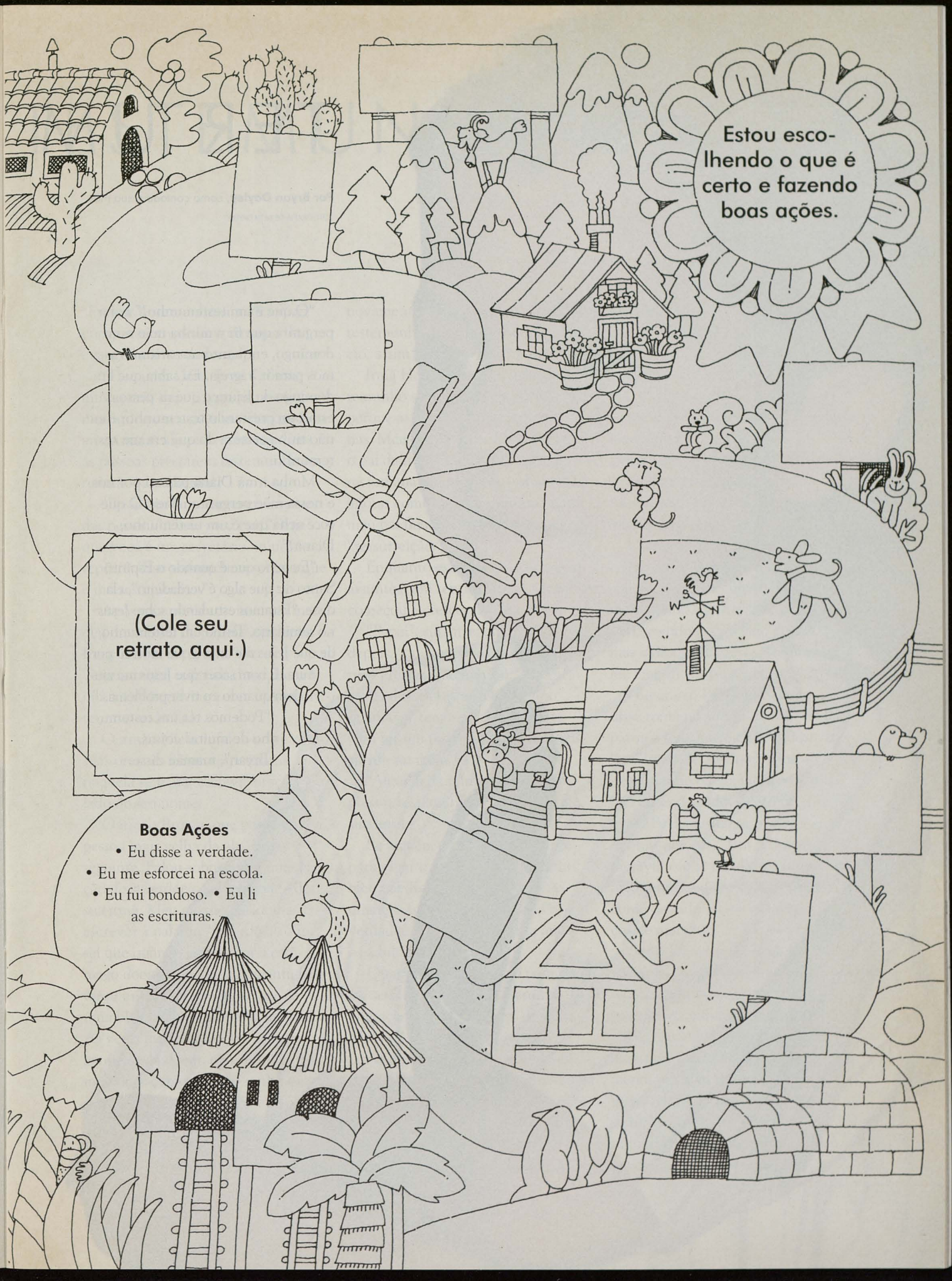
1. Dê a cada classe uma figura de uma pessoa das escrituras, como Jesus, Joseph Smith, Néfi, Ester, Mórmon, Daniel, Samuel, Rute, Paulo. Peça à classe que debata como a pessoa seguiu o plano do Pai Celestial e de que maneira foi abençoada; depois diga às outras crianças o que essas pessoas aprenderam.

2. Debata com as crianças os princípios mencionados na 13ª Regra de Fé. Prepare uma grande bandeira para cada classe e peça que os alunos decidam o que podem fazer juntos na Primária, a fim de ajudá-los a viver de acordo com o plano do Pai Celestial. Por exemplo: ler as escrituras, prestar atenção à aula. Peça que escrevam suas idéias na bandeira e enfeite-a.

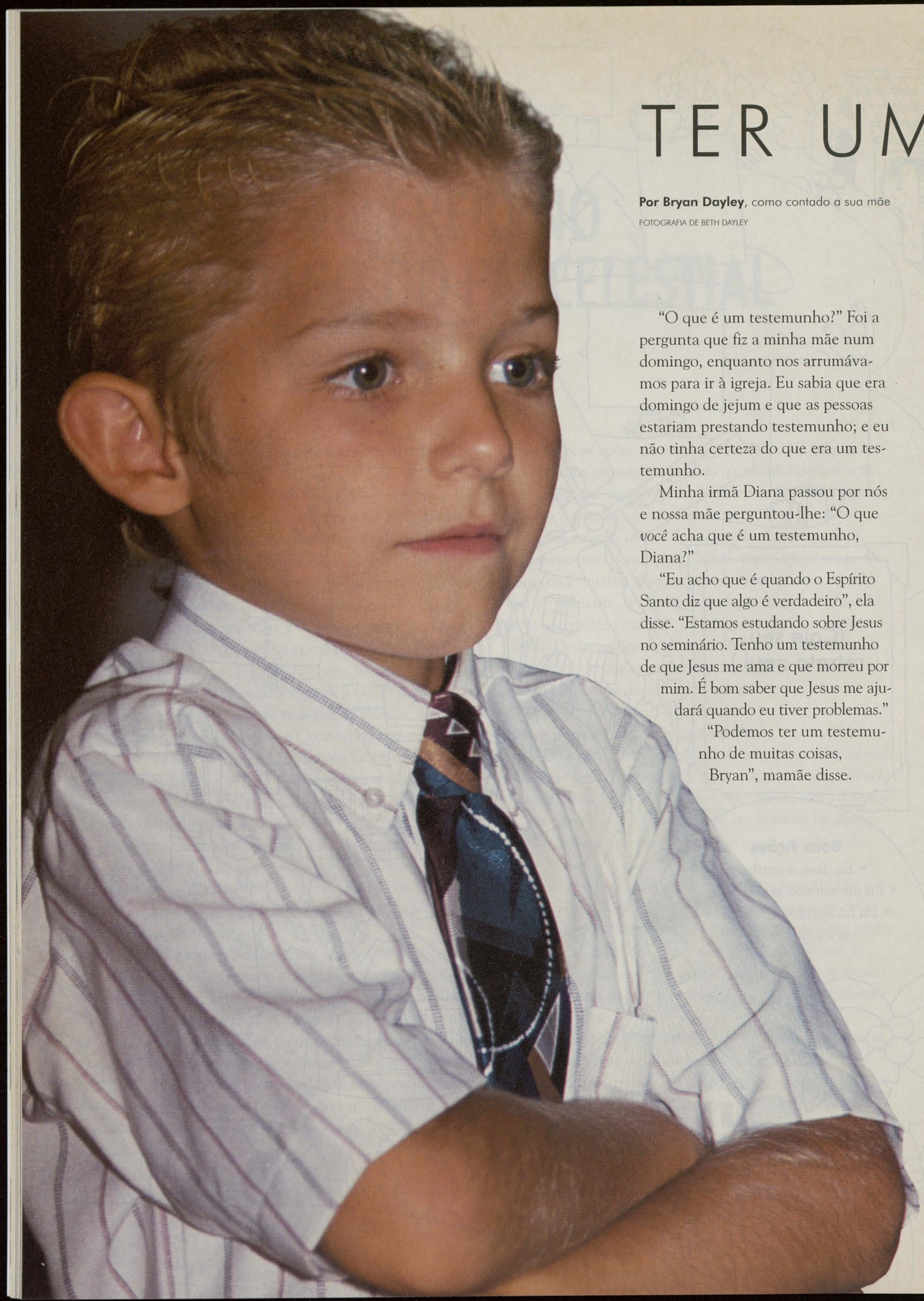
3. Peça que as crianças desenhem figuras para ilustrar os seguintes termos para o "Meu Livro das Regras de Fé" de cada uma (ver Tempo de Compartilhar, fevereiro de 1995, p. 2): plano—*uma forma de fazer algo;* escolha—*decidir entre duas ou mais coisas.*

4. Peça que cada professor da Primária e que um membro do bispado ou presidência do ramo relate uma experiência em que seguiram o plano de Deus e como se sentiram. □

ILUSTRADO POR JULIE F. YOUNG



ILUSTRADO POR JULIE F. YOUNG



TER UM T

Por Bryan Dayley, como contado a sua mãe

FOTOGRAFIA DE BETH DAYLEY

"O que é um testemunho?" Foi a pergunta que fiz a minha mãe num domingo, enquanto nos arrumávamos para ir à igreja. Eu sabia que era domingo de jejum e que as pessoas estariam prestando testemunho; e eu não tinha certeza do que era um testemunho.

Minha irmã Diana passou por nós e nossa mãe perguntou-lhe: "O que *você* acha que é um testemunho, Diana?"

"Eu acho que é quando o Espírito Santo diz que algo é verdadeiro", ela disse. "Estamos estudando sobre Jesus no seminário. Tenho um testemunho de que Jesus me ama e que morreu por mim. É bom saber que Jesus me ajudará quando eu tiver problemas."

"Podemos ter um testemunho de muitas coisas, Bryan", mamãe disse.

TESTEMUNHO É BOM

"Prestar testemunho significa dizer por que sabe que um princípio do evangelho é verdadeiro."

"Tive uma idéia, Bryan", disse minha mãe depois, quando estávamos indo para a capela. "Por que não anota todas as coisas sobre as quais as pessoas prestarem testemunho na reunião sacramental?"

"Posso ajudar a escrever o nome das pessoas", disse meu pai. "Finja que você é um secretário ou um repórter. Isso vai ajudar a saber o que é um testemunho."

Após o sacramento, meu pai me deu uma folha de papel e um lápis. Em cima ele escrevera "Nome, Testemunho" e abaixo disso fizera um traço. Senti-me como um repórter anotando tudo.

O irmão Nielson falou sobre como suas orações foram respondidas naquela semana; escrevi "oração" ao lado de seu nome.

O irmão Brown, que parecia ser a pessoa mais velha da ala, foi o seguinte. Falou sobre como uma bênção do sacerdócio salvou a vida de sua irmã. Meu pai me ensinou a escrever a palavra "sacerdócio". Eu sei que quando estou com o estômago doente ou com a garganta bastante inflamada e meu pai me dá uma bênção, logo me sinto melhor. Às vezes meu estômago ou a garganta ainda doem, mas *eu* me sinto melhor. É como quando tenho um pesadelo e mamãe vem, me abraça e conta uma história sobre Jesus. Depois que ela faz isso, os sentimentos ruins vão embora e eu adormeço novamente. Acho que tenho um testemunho das bênçãos do sacerdócio, assim como o irmão Brown.

Irmã Hatty chorou ao prestar testemunho sobre como estava feliz porque as famílias poderão ser eternas. Meu pai me disse baixinho que o pai da irmã Hatty havia falecido na semana anterior. Não sabia o que anotar como seu testemunho, mas meu pai finalmente sugeriu "ressurreição."

Enquanto escrevia os nomes e os assuntos, um sentimento estranho começou a crescer dentro de mim.

"Papai", sussurrei alguns minutos depois, "quantos anos se precisa ter para prestar testemunho?"

"Pode-se prestar testemunho quando se tem a idade suficiente para ter um testemunho", papai sussurrou também.

"Alguém da minha idade pode prestar testemunho?" Finalmente sussurrei.

Se alguém tem idade suficiente para saber o que é um testemunho, meu pai disse, pode prestá-lo. As crianças sabem que as coisas são verdadeiras da mesma forma que os adultos.

Quando Mitchell subiu para prestar seu testemunho, um sentimento engraçado cresceu dentro de mim. Mitchell ainda estava fazendo o curso primário, como eu. Mitchell disse que se sentia feliz porque seu irmão mais velho, Aaron, estava em missão. Mitchell disse que também queria servir como missionário quando crescesse. Escrevi "missão" ao lado do nome de Mitchell e achei que seria maravilhoso ser um missionário como Aaron. Mitchell disse que os missionários prestam testemunho todo o tempo.

Nessa hora decidi prestar meu testemunho. Eu não tinha idade suficiente para ser um missionário, mais podia dizer em o que acreditava. Papai sorriu e me deu um abraço quando eu disse que prestaria testemunho.

Quando a irmã Morris se sentou, respirei profundamente e comecei a caminhar para o púlpito. Estava com muito medo e gostaria de poder voltar correndo para o lado de meu pai; mas o desejo de prestar testemunho me empurrava para a frente.

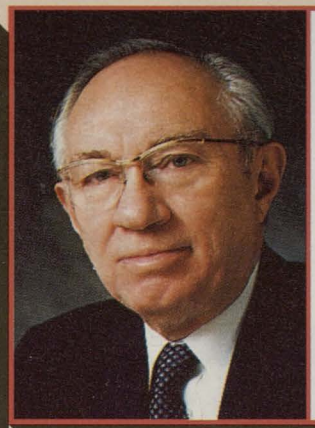
"Eu amo o Pai Celestial e Jesus", disse tremendo e muito alto. Fiz uma pausa e senti-me melhor. "Gosto de ler o Livro de Mórmon. Sinto-me bem quando o leio, mesmo quando não entendo tudo. Gosto de orar. Sei que o Pai Celestial responde a minhas orações." Um sentimento maravilhoso se espalhou por todo o meu ser e senti-me calmo e seguro, como quando estava nos fortes braços de meu pai.

Senti-me muito bem quando terminei de prestar testemunho e voltei rapidamente para junto de meus pais. Diana me deu um grande abraço quando me sentei perto dela. Sussurrei-lhe: "O testemunho é realmente um bom sentimento que nos torna felizes, Diana, bem como me disse." E continuei: "Prestar testemunho faz com que o sentimento dentro de nós seja ainda melhor." □



Howard W. Hunter

Sei que Deus vive, que Jesus é Seu Filho Unigênito, o Salvador do mundo. Sei que esta é a Igreja de Jesus Cristo. Ele a dirige. (*A Liahona*, janeiro de 1993, p. 104)



Gordon B. Hinckley

De sua divindade e realidade, presto solene testemunho. Ele é o Cordeiro sem mácula, que foi oferecido pelos pecados do mundo (. . .) Ele é meu Mestre, meu Exemplo, meu Amigo e meu Salvador. (*A Liahona*, janeiro de 1993, p. 60)



Thomas S. Monson

Ele é literalmente o Salvador do Mundo, o Filho de Deus, o Príncipe da Paz, o Santo de Israel, sim, o Senhor ressurreto (. . .) Como testemunha Dele, eu testifico que Ele vive. (*A Liahona*, julho de 1988, p. 58)

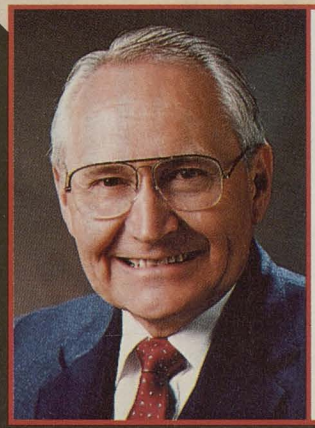
TESTEMUNHAS ESPECIAIS

A Primeira Presidência e o Quórum dos Doze Apóstolos são testemunhas especiais que sabem, por revelação pessoal, que Jesus é o Cristo. Todos eles têm a sagrada responsabilidade de prestar seu testemunho ao mundo. Apoiamos esses líderes como profetas, videntes e reveladores.



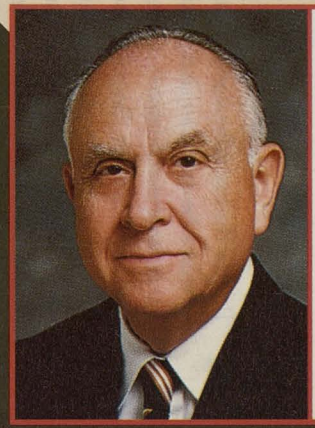
Boyd K. Packer

Ele é nosso Redentor. Dele presto testemunho—Jesus Cristo, o filho de Deus, o Unigênito do Pai, que se sacrificou para que possamos ser purificados. (*A Liahona*, janeiro de 1991, p. 97)



L. Tom Perry

Esta obra na qual estamos empenhados é do Senhor. Deus vive! Jesus é o Cristo, o Salvador do mundo, é o meu testemunho solene. (*A Liahona*, julho de 1990, p. 21)



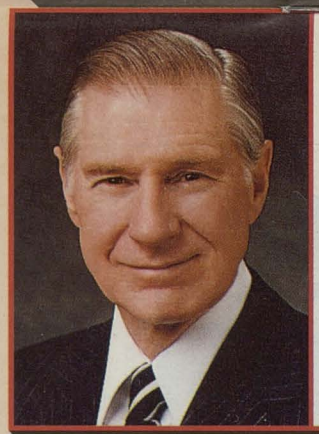
David B. Haight

Deus, o Pai, vive, assim como Seu filho, Jesus Cristo, nosso Salvador e Redentor. Sou um grato recipiente de Seu poder sanador e de Seu amor. Esta obra é Dele. (*A Liahona*, janeiro de 1991, p. 68)



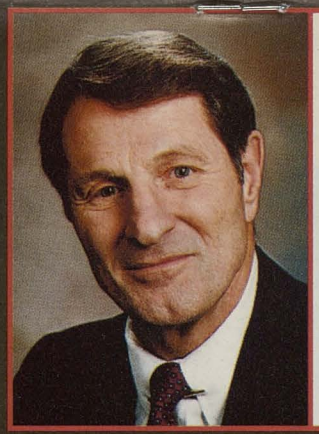






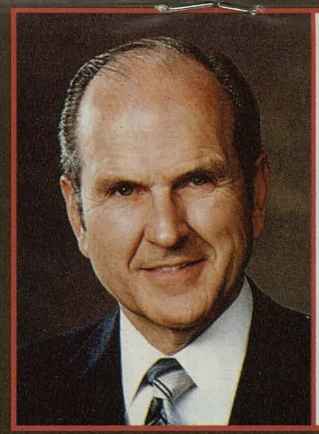
James E. Faust

Testifico, como um de Seus humildes servos, chamado para ser Sua testemunha especial, que Ele vive. Testifico do fundo de minha alma que (. . .) se formos fiéis, poderemos ser coroados com honra, glória e vida eterna. (*A Liahona*, julho de 1991, p. 80)



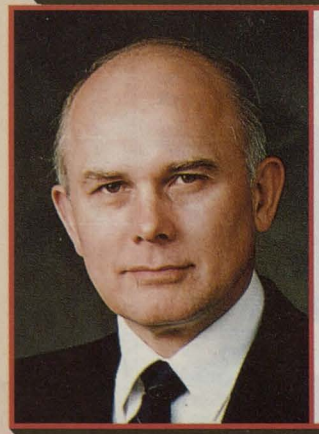
Neal A. Maxwell

Testemunho que Jesus Cristo é o único nome debaixo dos céus pelo qual nos podemos salvar! (. . .) Testifico que Ele é absolutamente incomparável (. . .) Não existe ninguém igual a Ele! (*A Liahona*, fevereiro de 1982, p. 12)



Russell M. Nelson

Sei que Deus vive e que Jesus Cristo é Seu filho. Ele é a "ressurreição e a vida". (João 11:25) Ele vive, Ele é o meu Mestre. Eu sou Seu servo. Amo-O de todo o coração. (*A Liahona*, julho de 1987, p. 9)



Dallin H. Oaks

Testifico com os profetas antigos e modernos que não existe outro nome e nenhum outro meio ou caminho, debaixo dos céus, pelo qual o homem poderá ser salvo, a não ser por intermédio de Jesus Cristo. (*A Liahona*, janeiro de 1989, p. 71)



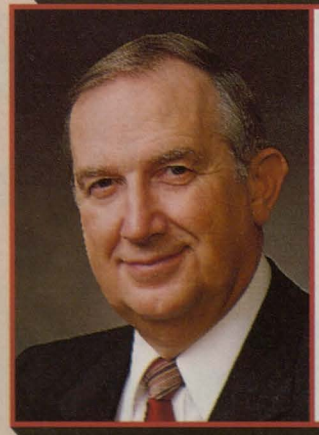
M. Russell Ballard

Testifico-vos que Jesus Cristo é o Filho Unigênito de nosso Pai Celestial Eterno. Ele é nosso Salvador, nosso Redentor, nosso Amigo e Irmão. Eu O amo de todo o coração. (*A Liahona*, julho de 1986, p. 13)



Joseph B. Wirthlin

Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, o Salvador e Redentor de toda a humanidade e o Príncipe da Paz. (*A Liahona*, julho de 1991, p. 41)



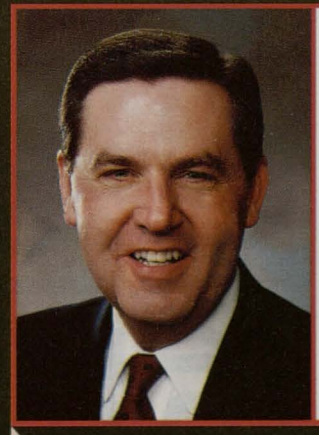
Richard G. Scott

Testifico que o Senhor vive. Ele vos ama e há de ajudar-vos. (*A Liahona*, julho de 1989, p. 40)



Robert D. Hales

Presto-vos testemunho, com toda gratidão pelo conhecimento de que nosso Salvador vive, de que Ele ressuscitou, de que, por meio do sacrifício expiatório toda a humanidade pode ser redimida e salva. (*A Liahona*, julho de 1992, p. 67)



Jeffrey R. Holland

Minha principal responsabilidade—de certa forma toda a minha responsabilidade—é prestar testemunho do Senhor Jesus Cristo (. . .) Eu empenho minha vida nesta tarefa. (*Ensign*, agosto de 1994, p. 74)

PRESIDENTE HOWARD W. HUNTER E PRESIDENTE THOMAS S. MONSON FOTOGRAFIAS, DE MERRETT SMITH; ÉLDER M. RUSSELL BALLARD, FOTOGRAFIA DE BUSATH PHOTOGRAPHY

DOIS BREVES E UM LONGO

Coleen C. Heaton

"Em círculo!"

O líder fez sinal para que as carroças de imigrantes dinamarqueses formassem o círculo noturno. Ainda era um pouco cedo para parar e acampar, pois o sol brilhava lá no vale; mas negras nuvens derramavam sua chuva já há algum tempo sobre as Montanhas Rochosas, que se erguiam grandiosas diante deles. Parecia que a tempestade ia ao seu encontro. Seria horrível fazer os preparativos para a noite sob a chuva e por isso todos começaram rapidamente a cumprir suas tarefas.

Maren colocou os últimos galhos que devia carregar na pilha de lenha. Quando tirou os pedaços de casca de árvores grudados em seu vestido, ouviu uma risada feliz, mas depois uma exclamação impaciente de sua mãe. Virando-se, Maren também sentiu vontade de rir ao ver a mãe tentando tirar a poeira de um menininho encabulado, que mais parecia o operário de uma mina de carvão depois do trabalho do que seu irmão de quatro anos.

"Maren", a mãe pediu, "por favor, leve Rasmus até o riacho e lave-o o melhor que puder."

A mãe, cansada, voltou para o que estava cozinhando a tempo de ver Jens, de seis anos, colocar um monte de grama seca no fogo. O curioso menino largou tarde



ILUSTRADO POR PAUL MANN



demais a grama incandescente e queimou o dedo.

"Mãe", disse Maren prontamente, "vou levar Jens para o riacho também, enquanto termina de cozinhar. Vou ficar com eles lá, e pode chamar-nos quando estiver pronto."

A expressão da mãe suavizou-se. "Obrigada, querida. Não deve levar mais que uma hora."

Ao atravessar o círculo formado pelas carroças, Maren viu Annie sentada em um balde virado, desenhando no chão com uma vara. Maren ficara feliz por ter encontrado outra menina de 11 anos na companhia de vagões. Elas conversavam sobre seus sonhos de como Sião seria. Tornaram-se boas amigas, apesar de serem muito diferentes. Talvez Annie também quisesse ir até o riacho.

"Sim, Annie pode ir com você", disse a irmã Christensen, olhando para os dois irmãos de Maren. "Talvez precise de alguma ajuda. Fiquem todos juntos e não se atrasem para o jantar."

A descida pela encosta do desfiladeiro era íngreme. Durante anos as chuvas de primavera, descendo das enormes montanhas, foram cavando a terra até a planície, carregando-a para longe, para o vale distante de algum rio. Mas era verão e somente uma fina corrente de água descia pelo leito do riacho. O desfiladeiro provavelmente estaria completamente seco no outono.

"Com certeza deve existir um lugar mais fundo do que isto!" Annie fez uma careta quando viu o raso riacho. "Talvez exista uma lagoa depois daquela curva." Annie continuou a descer. Gritando, Jens bateu em seu cavalo imaginário e desapareceu atrás dela.

"Espere!" Maren gritou. Ela pegou Rasmus no colo e correu o mais rápido que pôde; mas, quando fez a curva, seu irmão e sua amiga já não estavam lá. Também não estavam depois da curva seguinte.

Quando Maren finalmente os encontrou, Annie já estava dentro de uma deliciosa lagoa. Jens observava os ovos de rã que encontrou na grama, à margem do riacho.

Annie jogou água em Maren e disse, rindo: "Venham, seus molengas! Tem areia no fundo da lagoa."

Num instante os meninos já estavam completamente limpos. As bochechas de Rasmus estavam cor-de-rosa por terem sido tão esfregadas e seu cabelo brilhava ao sol.

Satisfeitas, as duas meninas sentaram e observaram os meninos jogar cascalhos na água, fazendo ondas que



movimentavam os navios de folha de árvore pela superfície cristalina da água. Se não estivesse tudo tão quieto, eles não teriam ouvido o apito. O som era realmente muito fraco—dois breves e um longo.

Annie olhou para cima curiosamente. "Que tipo de pássaro será esse?"

Sempre alerta, Maren levantou-se. "Parece meu pai. Este era o sinal que ele usava na Dinamarca para que eu levasse o gado de volta para a fazenda. É melhor voltarmos agora."

"Mas não faz nem uma hora que saímos do acampamento", Annie protestou. "Há quanto tempo não brincávamos num riacho como este!" Annie começou a fazer um beicinho em sinal de descontentamento.

Novamente se ouviu o apito—dois breves e um longo.

Maren examinou o topo do desfiladeiro. Colocou os dedos nos lábios e respondeu com um assobio. "Tenho certeza de que é o meu pai. Precisamos ir ver o que ele quer. Venha, Rasmus", disse. "Você também, Jens. O papai deve ter alguma razão para chamar-nos agora."

O semblante de Annie estava tão escuro e triste quanto o céu no ocidente. "Não!" Protestou novamente. "Vá, se quiser. Vou ficar um pouco mais. Seu pai tem alguma coisa para você fazer, não para mim."

"Mas sua mãe disse para ficarmos juntos. Não posso deixar você aqui sozinha. Precisamos ir. Annie, venha, por favor!" Os olhos bondosos de Maren suplicavam.

Ouviram o apito mais uma vez. Estava perto agora.

Annie não resistiu à preocupação de Maren. "Muito bem", finalmente disse com um suspiro. "Provavelmente você está certa. Geralmente está. Vamos."



Com um sorriso aliviado, Maren levou-os até o paredão do desfiladeiro. Com dificuldade, as quatro crianças escalaram a íngreme encosta. Lá de cima puderam ver três homens correrem em sua direção pela beirada do desfiladeiro.

Quando as crianças pararam para recuperar o fôlego, ouviram um grande rugido mais alto que sua respiração ofegante. Assustadas, olharam para todos os lados, mas não descobriram de onde vinha o som aterrorizante. Percebendo que dois dos três homens eram seus pais, correram para encontrá-los.

Então descobriram o que estava fazendo aquele estranho barulho.

Uma parede de água de 3 metros de altura estava descendo o desfiladeiro com toda a força! A tempestade das montanhas descera em direção ao desfiladeiro, carregando árvores e rochas como se fossem penas. Arrancando plantas e pedaços inteiros de terra das margens íngremes do riacho, a violenta torrente varria tudo em seu caminho, passando por eles e dirigindo-se para onde estava a refrescante e silenciosa lagoa com os barcos de folha de árvore flutuando em suas águas transparentes.

O pai ajoelhou-se para abraçar com seus braços fortes os filhos que tremiam. "Pensei que nunca mais os encontraria", disse ele, tentando controlar suas emoções, piscando os olhos para enxugar as lágrimas.

Annie, com lágrimas nos olhos, abraçou o pai e sussurrou: "Foi Maren quem nos salvou. Ela ouviu e obedeceu." □

EM UM DIA PRIMAVERIL



Letra: Virginia Maughan Kammeyer, n. 1925. © 1989 SUD
Música: Crawford Gates, n. 1921. © 1989 SUD

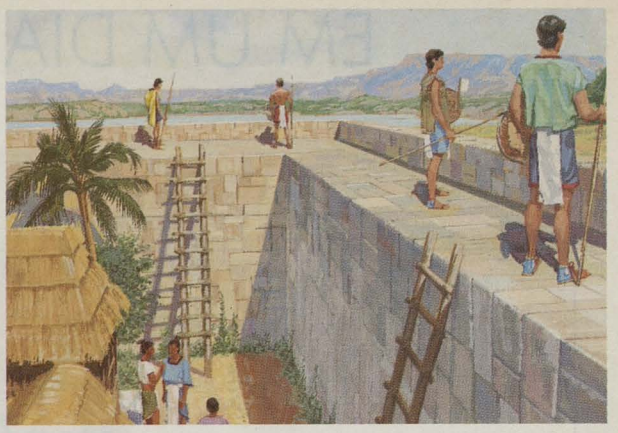
Alma 32:28; Doutrina e Convênios 88:7
Mateus 28:5–6; Joseph Smith 2:17

Esta música pode ser copiada para uso no lar ou na Igreja, sem fins comerciais.



HISTÓRIAS DO LIVRO DE MÓRMON

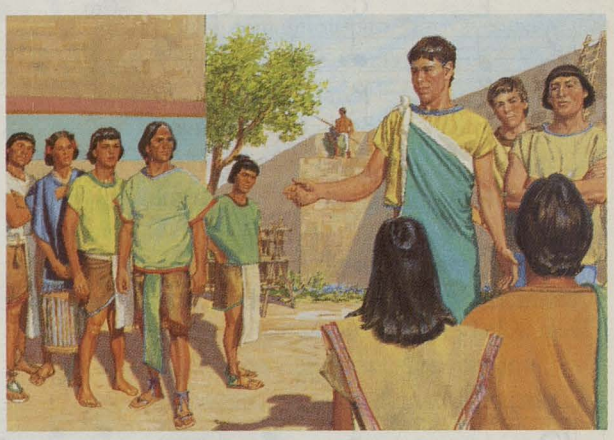
HELAMÃ E OS DOIS MIL JOVENS GUERREIROS



O povo de Amon prometeu ao Senhor que nunca mais lutaria. Eles viviam perto dos nefitas, por quem eram protegidos.
Alma 53:10–12



Quando os inimigos do povo de Amon atacaram os nefitas, o povo de Amon quis quebrar sua promessa e ajudar os nefitas.
Alma 53:13

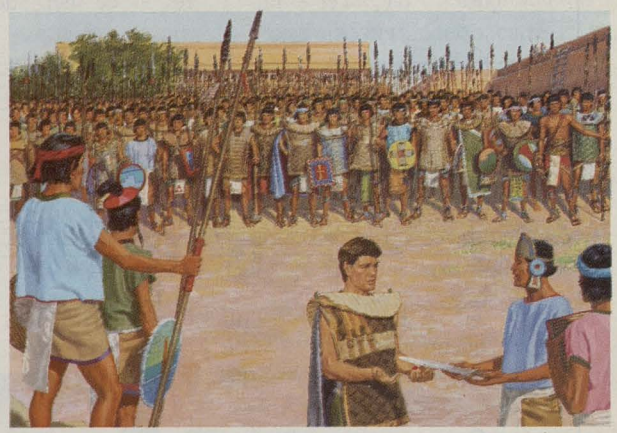


Helamã e os outros líderes nefitas não queriam que o povo de Amon quebrasse a promessa feita a Deus.
Alma 53:14–15



ILUSTRADO POR JERRY THOMPSON

Os jovens do povo de Amon não haviam feito essa promessa. Eles queriam ajudar o exército nefita na luta pela liberdade.
Alma 53:16–17



Dois mil desses jovens decidiram ajudar na defesa de seu país. Pediram a Helamã que fosse seu líder.
Alma 53:18–19



Esses jovens eram valentes, bravos e fortes. Também eram honestos e dignos de confiança e guardavam os mandamentos de Deus.
Alma 53:20–21



Helamã liderou seus dois mil jovens guerreiros na batalha. Ele chamou-os de filhos, e eles chamaram-no de pai.
Alma 53:22; 56:46



Embora nunca tivessem lutado, os filhos de Helamã não estavam com medo. Eles aprenderam com suas mães que, se tivessem fé em Deus, Ele os ajudaria.
Alma 56:47–48



Helamã e seu exército travaram várias batalhas contra os lamanitas. Esses jovens obedeceram a todas as ordens de Helamã.
Alma 57:19–21



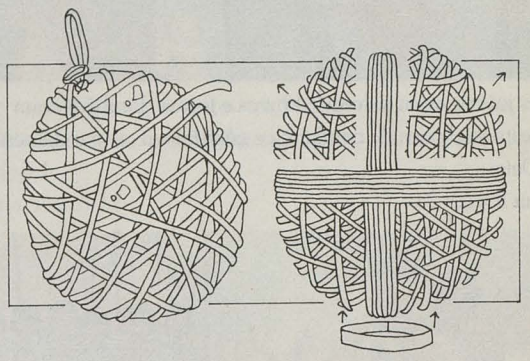
Após lutarem bravamente e ajudarem a expulsar o inimigo, Helamã descobriu que todos os seus filhos estavam feridos, mas que nenhum deles havia sido morto.
Alma 57:22, 25



Foi um milagre. Helamã estava muito feliz. Ele sabia que esses jovens haviam sido protegidos devido a sua grande fé em Deus.
Alma 57:26–27

CESTA DE PÁSCOA

D. A. Woodliff



Você vai precisar de: Um rolo de barbante ou novelo de lã, um balão de borracha, uma xícara de açúcar, meia xícara de água, uma vasilha grande, tesoura, pedaços de fita decorativa e cola.

Encha o balão quase totalmente e amarre-o bem. Passe o barbante em volta do balão até que o barbante cubra o balão por igual. Para fazer uma alça para a cesta, enrole o barbante no comprimento do balão até formar uma fita de dois centímentros; depois amarre e corte o barbante. Enrole o barbante na largura do balão, conforme a gravura, para formar a borda superior da cesta; depois amarre e corte o barbante. Faça uma alça temporária de barbante para usar enquanto estiver fazendo a cesta.

Dissolva o açúcar na água. Aqueça essa mistura até ferver; retire do fogo e deixe esfriar durante dez minutos. Coloque o balão coberto com o barbante em uma grande vasilha, segurando-o pela alça. Depois peça que um adulto o ajude a derramar a mistura de açúcar morna sobre o balão várias vezes, até que todo o barbante esteja encharcado. Pendure o balão pela alça sobre a vasilha e deixe-o secar durante 24–36 horas.

Quando o barbante estiver seco, use uma tesoura para retirar as partes que ficam entre a alça e a borda (ver ilustração). Retire também o resto do balão e a alça temporária. Cole uma fita, renda, ou um laço na alça e na borda; depois amarre um laço de fita na alça da cesta. Para que a cesta não caia, faça uma base cortando uma faixa de cartolina com 28 centímetros de comprimento e 2,5 centímetros de largura. Cole as extremidades da faixa e cubra-a com fita decorativa. Com a cesta terminada, você poderá enchê-la de flores e doces. □



CESTA DE DENISE KIRBY; FOTOGRAFIA DE MAREN YOUNCE

MAIS ALEGRIA AO SERVIR

"(. . .) o Senhor me concede imensa alegria com o fruto de meus labores." (Alma 36:25)



ILUSTRADO POR DILLEEN MARSH

Alma ensinou que, por meio do batismo, fazemos convênio de servir a Deus "para que ele possa derramar seu Espírito com mais abundância sobre [nós]" (Mosias 18:10). Um dos frutos do Espírito é a alegria que Inga Britt Soederstroem sente ao fazer, serenamente, sua parte. Ela mora bem perto do Círculo Polar Ártico em Skellefteå, na Suécia. Já na casa dos setenta, tem pouco mais de um metro de altura e vive presa a uma cadeira de rodas, não podendo mais trabalhar fisicamente como costumava. Mas ela ainda oferece o que pode, abrindo seu lar aos missionários e pesquisadores, prestando testemunho aos membros do ramo e confortando os que sofrem. (*Church News*, 16 de abril de 1994) Ela realmente se alegra ao ajudar.

O SALVADOR É NOSSO EXEMPLO

A maior parte do ministério do Salvador consistiu em ensinar e auxiliar aqueles a Seu redor, de modo individual. Nós também podemos contribuir ao servir os outros, individualmente, por meio de pequenos e simples atos de amor. E, freqüentemente, os que mais necessitam de nosso auxílio são nossos familiares. O Presidente Harold B. Lee declarou que o trabalho mais importante do Senhor a fazer está "dentro das paredes de [nosso] próprio lar". (*Strengthening the Home*, folheto, 1973, p. 7.)

O Senhor mencionou outros que também necessitam de nossa ajuda. Entre eles, encontram-se os "órfãos e as viúvas" (Tiago 1:27) e aqueles que lutam com a fé debilitada, com habilidades físicas que se reduzem, com doenças e com o desânimo. Ele nos admoestou a "[socorrer] os fracos, [erguer] as mãos que pendem e [fortalecer] os joelhos enfraquecidos". (D&C 81:5)

A ALEGRIA É CONSEQÜÊNCIA DO SERVIÇO CRISTÃO

A preocupação genuína demonstrada pelos atos caritativos e serviço cristão prestados na comunidade abençoam o indivíduo e as famílias. Como parte do programa de alfabetização da Sociedade de Socorro, um grupo de irmãs tonganesas na cidade de San Francisco (no estado da Califórnia, Estados Unidos) auxiliam crianças em seus estudos após o horário escolar. Sua recompensa é uma "imensa alegria" ao ver os alunos adquirirem confiança, desenvolverem aptidões e conhecimento e progredirem na vida.

Beth Tracy aceitou, com apreensão, um chamado para trabalhar na Primária da Estaca Los Angeles Califórnia. Sendo conversa à Igreja, sem nunca ter freqüentado a Primária e tendo sempre trabalhado com adultos, Beth pensou: "O que posso oferecer às crianças?" Mas ao substituir professoras no berçário, encorajar outras líderes da Primária que também não se sentiam adequadas para os cargos que tinham e aprender a amar crianças de diversas nacionalidades, ela encontrou alegria e satisfação — os resultados do serviço cristão prestado a seus semelhantes. (Ver Mosias 2:17.)

O Presidente Gordon B. Hinckley mencionou a alegria que recebemos pelo bem que fazemos: "Em qualquer país, em toda cidade, casa e vida existem constantes oportunidades de expandirmos nossa vida e nossos interesses em favor de outros. (. . .) Esqueçamo-nos um pouco de nós mesmos e voltemo-nos para o próximo — se quisermos ter um coração alegre e o Espírito do Senhor reinando em nossa vida. Coloquemos nossos interesses pessoais e egocêntricos um pouco de lado e sirvamos ao próximo." (*A Liahona*, fevereiro de 1983, p. 7)

- *Como prestar auxílio nos ajuda a vencer o egoísmo?*
- *De que maneiras podemos socorrer, erguer e fortalecer alguém?* □



FOTOGRAFIAS CEDIDAS PELA FAMÍLIA HALES, A MENOS QUE ESPECIFICADO DE OUTRO MODO

Élder Robert D. Hales

do Quórum dos Doze

VOLTE HONROSAMENTE



LaRene Gaunt

"Você aceitaria um chamado para ser o presidente do quórum de élderes?" Aparentemente, a solicitação era bastante simples. Mas para Robert D. Hales, na época aluno do curso de mestrado em administração de empresas na Universidade de Harvard, a resposta não era fácil. Em seu coração, Robert estava disposto a aceitar o chamado, mas ele sabia que os professores desencorajavam quaisquer atividades extras, devido à intensidade do curso de estudos. Ele também sabia que deveria discutir o assunto com a esposa, Mary.

A família Hales morava em um apartamento com os dois filhos pequenos. Ao conversarem a respeito do chamado, Robert e Mary sabiam que seria extremamente difícil para Robert sair-se bem em seus estudos e trabalhar como presidente do quórum de élderes ao mesmo tempo. No entanto, após muita oração e jejum, Mary disse: "Prefiro um portador do sacerdócio ativo a um homem que tenha um diploma de Mestre de Harvard. Faremos ambas as coisas." No dia seguinte, ao chegar em casa da faculdade, Mary havia levantado uma parede em uma parte do subsolo inacabado do apartamento. O pequeno escritório daria a Robert um lugar para estudar e ajudaria ambos a servirem ao Senhor.

"Coloquei-me nas mãos do Senhor ao tomar aquela decisão", diz o Élder Hales agora, quase quarenta anos mais tarde. "Aquela decisão foi mais difícil do que quando, anos mais tarde, aceitei o chamado de Assistente dos Doze e abandonei minha carreira no mundo dos negócios. Algumas pessoas não compreendem isso, mas creio que realmente demonstramos ao Senhor quem somos e o que pretendemos tornar-nos ao tomarmos decisões difíceis quando jovens."

Aquela decisão representa um padrão seguido pelo Élder Hales e sua esposa em toda sua vida juntos; eles formam uma equipe comprometida com o equilíbrio entre a vida familiar, o trabalho na Igreja e a vida profissional. Serve também para exemplificar uma característica que se tem destacado na vida de Robert D. Hales: integridade e honra ao escolher o que é certo. Ele trouxe consigo esse sentido de integridade e honra, assim como diversas outras qualidades positivas, ao tornar-se um dos mais novos membros do Quórum dos Doze, preenchendo a vaga deixada com a morte do Élder Marvin J. Ashton, em fevereiro de 1994.

***Esquerda*: Élder Robert D. Hales, ordenado Apóstolo em abril de 1994. *Acima*: No último ano da escola secundária.**

RAÍZES PROFUNDAS

Nascido em 24 de agosto de 1932, na cidade de Nova York, Robert — ou Bob, como é conhecido entre a família e os amigos — teve uma infância que lhe deu ampla perspectiva de vida. O mais novo dos três filhos de J. Rulon e Vera Marie Holbrook Hales, Robert passou uma infância feliz em Long Island, Nova York, longe das raízes da família em Idaho e Utah. Lírios e flores de nabos selvagens espalhavam-se por toda a parte do grande quintal da casa dos Hales, rodeado por

FOTOGRAFIAS CEDIDAS PELA FAMÍLIA HALES, A MENOS QUE ESPECIFICADO DE OUTRO MODO





Na juventude, em Nova York: *À esquerda*, de terno branco, com seus pais e irmãos; *à direita*, quando menino; *abaixo*, como jogador de beisebol, na escola secundária.

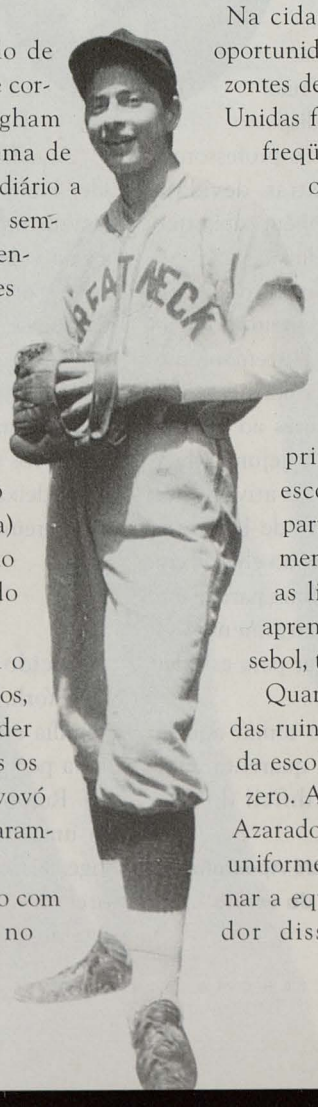
uma cerca de madeira, e Robert adorava brincar com a irmã Janet e o irmão Gerald. O pai, desenhista, freqüentemente pedia aos filhos que o ajudassem a cercar os canteiros com pedras e a construir pequenos lagos para peixes no quintal.

Rulon Hales era de Rexburg, no estado de Idaho. O avô de Rulon, que criava cavalos de corrida, fora enviado para Rexburg por Brigham Young para ajudar na construção do sistema de canais de irrigação. "O que ele diz em seu diário a respeito da morte do último de seus cavalos sempre me comoveu", diz o Élder Hales. "Ele menciona os nomes dos cavalos e a seguir diz: 'Eles serviram ao Senhor muito bem num trabalho para o qual não eram adequados'".

Vera Holbrook cresceu em Bountiful, no estado de Utah, onde o avô se estabelecera. Após uma ventania ter arrancado o telhado do Tabernáculo de Bountiful, o Vovô Holbrook (que estava construindo sua casa) doou todos os seus materiais de construção para serem utilizados no novo telhado do tabernáculo.

Os filhos da família Hales aproveitaram o melhor do leste e do oeste dos Estados Unidos, lembra-se Janet Hales Clark, a irmã do Élder Hales. "Todo verão, minha mãe levava-nos os três para passar as férias com o vovô e a vovó Holbrook em Bountiful. Nossos primos tornaram-se como irmãos para nós."

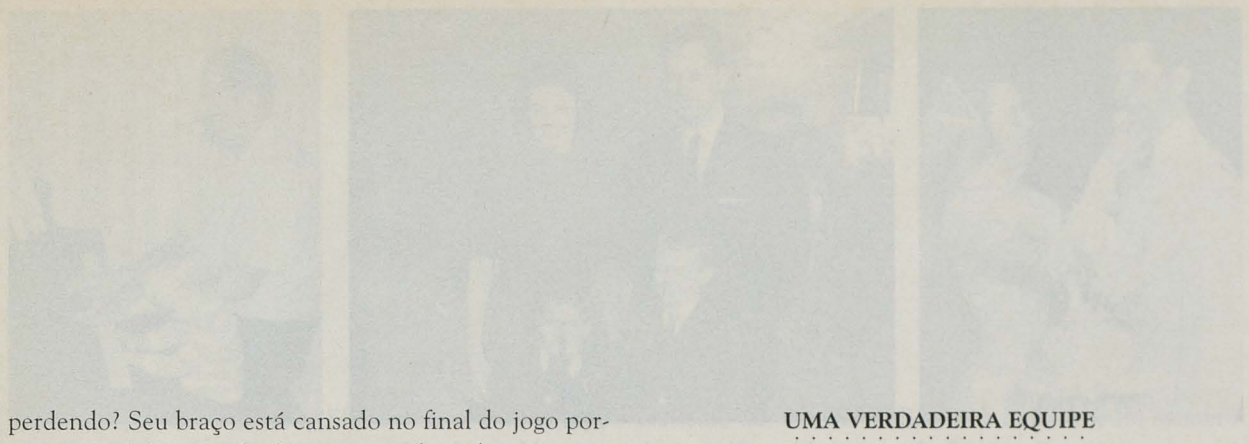
Robert também passou duas férias de verão com os primos em um sítio em Skull Valley, no estado de Utah. "Costumávamos enfardar o feno, andar a cavalo, levar sal para o gado nas montanhas durante todo o verão e cuidar das ovelhas e do gado", diz o Élder Hales. "Bons tempos aqueles."



Na cidade de Nova York, Robert teve outras oportunidades incomuns, que alargaram os horizontes de sua educação. O complexo das Nações Unidas ficava na área da escola secundária que freqüentava. "Aprendi muito a respeito de outros países com os filhos dos representantes das Nações Unidas", conta o Élder Hales. "Decidi que gostaria de morar em outros países durante minha vida."

Quando criança, Robert era fascinado por beisebol. No primeiro ano da escola secundária, era o lançador principal da equipe mais importante da escola. Na Universidade de Utah, ele fez parte da equipe de beisebol até que um ferimento tornou difícil continuar a jogar. Mas as lições de vida e a respeito de pessoas aprendidas durante os anos em que jogou beisebol, tiveram uma importante influência nele.

Quando ainda na escola secundária, as jogadas ruins de Robert fizeram com que a equipe da escola perdesse três jogos seguidos por um a zero. A manchete no jornal da escola dizia: "O Azarado Hales Perde Novamente". Ele pegou o uniforme e foi dizer ao treinador que ia abandonar a equipe. Ao chegar ao escritório, o treinador disse-lhe: "Sabe por que você está



perdendo? Seu braço está cansado no final do jogo porque antes dele, quando deveria estar fazendo exercícios de aquecimento, você fica lá fora impressionando a platéia com suas jogadas. Isso equivale ao esforço de mais ou menos um terço do tempo do jogo. Pare de exibir-se e não cansará o braço." Robert escutou o treinador e no jogo seguinte não deixou a equipe adversária marcar ponto algum. "É por isso que se adora um treinador que diz o que se precisa escutar", diz o Élder Hales. "Ao escutar o treinador, pode-se evitar repetir os erros e ter-se uma melhor oportunidade de atingir os objetivos. Com o Senhor, as coisas funcionam do mesmo modo. Não me canso das correções do Senhor ou dos ungidos do Senhor."

O evangelho era o centro da vida da família Hales, que freqüentava a Ala de Queens, a cerca de 32 quilômetros de casa. Mas Rulon e Vera trabalharam fielmente em muitos chamados na Igreja durante toda a vida.

Muitas das mais importantes lições que Robert aprendeu quando criança vieram do exemplo dado pelos pais e de suas experiências na Ala de Queens. Como presidente do quórum dos diáconos, Robert aprendeu a respeitar os líderes do sacerdócio depois de uma experiência que teve com o bispo. Naquela época, a Ala reunia-se nas instalações da "Liga dos Cidadãos". A mesa do sacramento ficava no piso principal, em frente ao palco. Os diáconos costumavam pegar as bandejas do sacramento, subir no palco, guardar as bandejas e, correndo, pular do palco, pegar outra bandeja e repetir a seqüência até que todas as bandejas estivessem guardadas. "Pulei do palco", conta o Élder Hales, "e nosso novo bispo estava por perto. Ele pegou-me antes que chegasse ao chão. Disse-lhe eu: "Todo mundo está fazendo a mesma coisa", ao que ele respondeu: "Sim, mas você é o presidente do quórum dos diáconos." O bispo explicou que ele queria que o sacramento fosse manuseado adequadamente, com reverência. "Foi aí que comecei a aprender uma lição importante. Passei a admirar os líderes do sacerdócio que se davam ao trabalho de ensinar-me."

UMA VERDADEIRA EQUIPE

Foi na Ala de Queens que Robert, no segundo ano da faculdade, conheceu Mary Crandall, também estudante universitária, cuja família mudara-se de Los Angeles para Nova York. "Depois de conhecê-la, nunca mais saí com outra moça", diz o Élder Hales. "Encontrávamo-nos todas as noites depois do trabalho durante os primeiros dois meses, participando juntos de atividades familiares. Ela ajudava-me a lavar o carro e eu ajudava-a a tomar conta dos irmãos menores; sentíamos que nunca nos separaríamos." Ao terminar o verão, ambos voltaram para a faculdade em Utah — Robert para a Universidade de Utah e Mary para a Universidade Brigham Young. No verão seguinte, em 10 de junho de 1953, casaram-se no Templo da Cidade do Lago Salgado.

Recém-casado, Robert concluiu o curso universitário ao mesmo tempo em que trabalhava numa estação de televisão na Cidade do Lago Salgado, como câmera e editor de filmes. "Algumas vezes Mary preparava alguns sanduíches e ia até a estação de televisão", diz o Élder Hales. "Assistíamos aos filmes para que eu pudesse cortá-los e inserir os comerciais. Ela ficava lá comigo."

"Sempre nos divertimos muito juntos", diz a irmã Hales. "Bob tem muito senso de humor. Ele é muito atencioso."

Robert formou-se em comunicações e administração de empresas pela Universidade de Utah, em 1954. A seguir, ingressou na Força Aérea dos Estados Unidos. Em 1955, Robert e Mary, com seu filho recém-nascido, Stephen, mudaram-se para o estado da Flórida, a primeira de muitas mudanças em sua vida. Durante quatro anos, Robert foi piloto de caças a jatos, tendo pilotado aviões F84 e F100 do comando aéreo tático e estratégico dos Estados Unidos. O segundo filho, David, chegou em 1958.

Robert aprendeu um princípio importante ao servir nas forças armadas. Cada unidade em seu esquadrão tinha um lema escolhido para inspirar os pilotos em seu trabalho.







***Acima (a partir da esquerda)*: Robert e Mary no dia de seu casamento; a família de Robert Hales com os dois filhos David e Stephen; Élder Hales tocando piano com seu neto, "de brincadeira". *Abaixo*: Como piloto de caça a jato.**

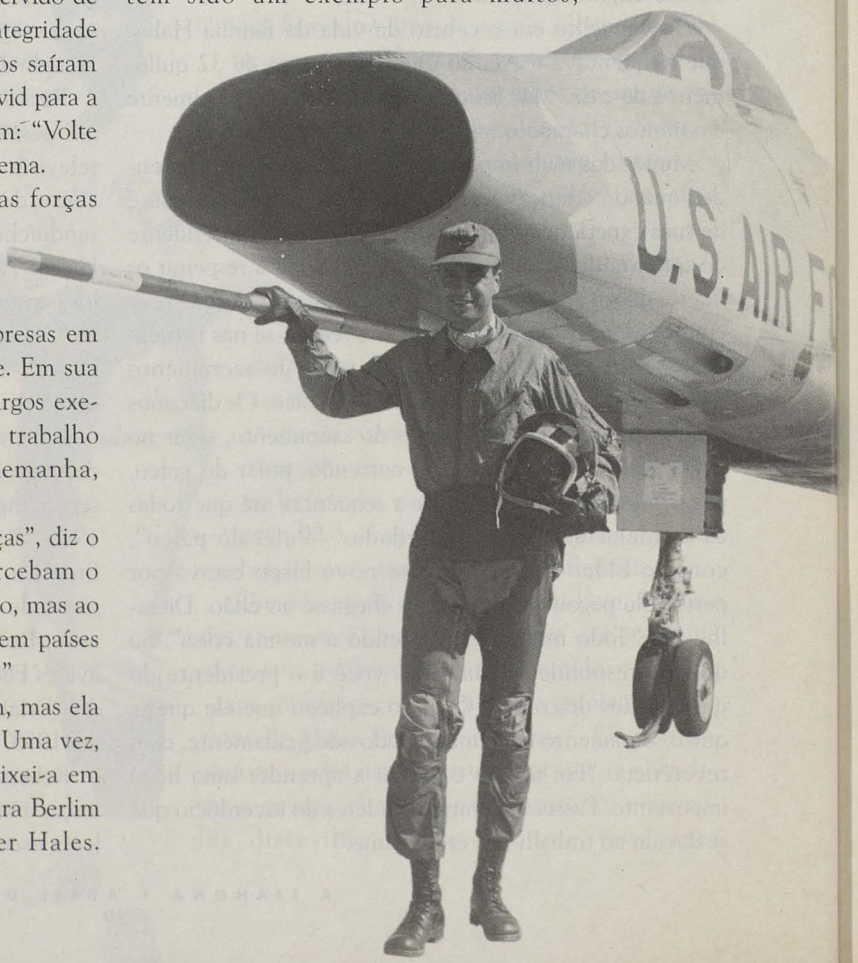
"O lema de nossa unidade (pintado na lateral dos aviões) era Volte Honrosamente", diz o Élder Hales. Esse lema era para nós um lembrete constante de que estávamos determinados a voltar para a base com honra, após termos despendido todos os esforços para nos desincumbir-nos das missões o melhor possível." Esse lema tem-lhe servido de lembrete da importância da honestidade e da integridade na vida pessoal e profissional. Quando os filhos saíram para a missão — Stephen para a Inglaterra e David para a Alemanha — abraçou-os e sussurrou a cada um: "Volte honrosamente". Ainda hoje, ele refere-se a esse lema.

Quando Robert terminou seu período nas forças armadas, a família mudou-se para Cambridge, no estado de Massachusetts, onde ele freqüentou a Universidade de Harvard, concluindo o mestrado em administração de empresas em 1960. As oportunidades chegaram rapidamente. Em sua vida profissional, trabalhou em importantes cargos executivos de diversas companhias nacionais. O trabalho levou a família Hales para a Inglaterra, Alemanha, Espanha e diversas regiões dos Estados Unidos.

"Mudar-se é algo penoso e difícil para crianças", diz o Élder Hales. "Custa um pouco para que percebam o valor que para a educação significa ver o mundo, mas ao crescerem, meus filhos disseram-me que viver em países estrangeiros foi a melhor parte de sua educação."

Mudar-se era um desafio para Mary também, mas ela enfrentava-o com independência e tenacidade. Uma vez, ao mudarem-se, "levei-a para a Alemanha, deixei-a em Frankfurt com os dois meninos e tive que ir para Berlim numa atribuição temporária", conta o Élder Hales. "Mary matriculou os meninos na escola, aprendeu a localizar-se no complicado e movimentado sistema de auto-estradas e acabou por aprender a falar alemão. Isso era comum. Ela sempre fazia o que precisava ser feito."

A maneira como Mary e Robert trabalham em equipe tem sido um exemplo para muitos,







incluindo sua nora Susan. "Eles formam uma equipe completa", diz ela. "Qualquer casal pode moldar seu casamento pelo deles. Seu relacionamento é cem porcento de igualdade; um não domina o outro. Todas as opiniões são levadas em conta."

O desejo de servir ao Senhor como uma equipe, com o qual Robert e Mary comprometeram-se no princípio de seu casamento, é uma das coisas que lhes tem possibilitado manter um equilíbrio durante toda a vida entre uma carreira no mundo dos negócios internacionais e o desejo de viver os princípios do evangelho.

"Uma vez, ao receber uma promoção, meu chefe disse que eu não estaria onde estava sem minha esposa", relata o Élder Hales. Disse ele: 'Mary é nosso maior trunfo. Não se esqueça disso.' Nunca me esqueci.

Mary nunca me restringiu. Seguimos o provérbio dos Quakers: 'Tu me ergues, eu te ergo, e assim subimos juntos'. Muito do que conseguimos teria sido impossível sem o espírito do trabalho de equipe. Sempre formamos uma equipe e sempre continuaremos assim. Acho que o fato de dar ouvidos a minha esposa teve mais influência em minha vida do que qualquer outra coisa, exceto ouvir o Espírito Santo."

SERVIR COM AMOR

Nos mesmos moldes estabelecidos quando foi chamado para ser presidente do quórum de élderes em Harvard, o Élder Hales aceitava, com boa vontade, qualquer chamado na Igreja, enquanto se destacava no mundo dos negócios. Em sua vida, teve muitos chamados na Igreja, tendo sido freqüentemente presidente de ramo ou bispo. As mudanças constantes, devidas a sua profissão, fizeram-no presidente do ramo em Albany, no estado da Georgia; em Weston, no estado de Massachusetts (estaca de Boston); e em Frankfurt, na Alemanha; foi também bispo em Weston; na Ala Wilmette (na estaca de Chicago); e em Frankfurt. Foi professor do seminário diário em Downey, na Califórnia, trabalhou no sumo conselho das estacas de Boston e Londres e foi membro da presidência da estaca de Boston. Posteriormente, foi representante regional das regiões de Minnesota e Louisiana.

Em 1975, Robert estava numa reunião de negócios quando a secretária levou-lhe um bilhete dizendo que o Presidente Marion G. Romney estava ao telefone. Uma vez que era bastante incomum interromper-se uma dessas reuniões, todos ficaram muito surpresos quando Robert levantou-se para atender o telefone. O Presidente Romney pediu a Robert que aceitasse o chamado de presidente de missão. Posteriormente, chegou o chamado específico para a Missão Inglaterra Londres. Logo depois, Robert recebeu outra ligação da Cidade do Lago Salgado — dessa vez era o Presidente Spencer W. Kimball. Ele perguntou a Robert se não se incomodaria de ir para uma outra missão.

Robert respondeu: "Não me importo. Mande-me para onde desejar, Presidente."

O Presidente Kimball perguntou: "Você se importaria se pedíssemos que servisse por mais de três anos?"

Robert disse: "Está bem."

O Presidente Kimball chamou-o então para um trabalho permanente, como Autoridade Geral.

"O Presidente Kimball disse-me que sabia que eu ficara decepcionado porque eu desejava presidir uma missão", diz o Élder Hales, "mas ele disse: 'Não se preocupe; você terá muitas missões.'"

Durante os primeiros três anos de seu chamado como Assistente dos Doze e, a seguir, como Setenta, o Élder Hales ajudou a planejar 27 conferências de área para a Primeira Presidência. "Adorava viajar com o Presidente Kimball, os Apóstolos e os outros líderes", menciona o Élder Hales. "Ver profetas, videntes e reveladores prestarem testemunho da veracidade do evangelho aos Santos, em cidade após cidade, era simplesmente maravilhoso."

Após quase três anos depois de ter recebido o chamado do Presidente Romney para servir como presidente de missão, o Élder Hales recebeu um chamado do

Presidente Kimball como presidente da Missão Inglaterra Londres. "Amamos o povo inglês, a Inglaterra e a missão", conta o Élder Hales.

Ao terminar a missão, em 1979, a família mudou-se diretamente para o continente europeu. Lá, como supervisor de área, trabalhou com o Élder Thomas S. Monson, na época um dos Doze, e com Hans B. Ringger, então representante regional. Trabalharam estreitamente com os líderes de países onde o evangelho ainda não tinha sido estabelecido. Na Alemanha Oriental, conversaram com os líderes do país sobre a possibilidade de construir-se um templo. Todas as vezes que faziam a solicitação, esta era negada porque "não havia materiais de construção". No final, eles perguntaram onde os materiais poderiam ser encontrados. Ao final de algum tempo, veio a resposta: Freiberg. Em pouco tempo foi concedida a permissão para que se construísse um templo lá.

Suas viagens às vezes coincidiam com agitações políticas e militares em países conhecidos então como Tchecoslováquia, Alemanha Oriental, Hungria e Polônia. Mas o Élder Hales estava lá "para o que desse e viesse". Na Polônia, desenvolveu um bom relacionamento com os líderes governamentais, enquanto, às vezes, tanques e bombas de gás lacrimogêneo se espalhavam pelas ruas e as pessoas corriam. Os primeiros batismos de Varsóvia foram realizados na piscina de um hotel, mas depois os membros conseguiram construir uma capela.

"Tenho um grande amor e respeito pelos santos desses países", diz o Élder Hales. "Amo-os por sua fidelidade. Mais de 2.000 deles permanceram fiéis a seus testemunhos."

Após o Élder Hales ter sido desobrigado como supervisor de área, a família mudou-se de volta para a Cidade do Lago Salgado. De 1983 a 1984, ele foi o presidente da Área América do Norte Sudoeste. Em 1985, foi chamado como Bispo Presidente. Suas responsabilidades principais consistiam em supervisionar as ordenanças exteriores e os assuntos materiais da Igreja. Seus anos de trabalho na Igreja e sua experiência no mundo dos negócios tornaram-no a pessoa adequada para o chamado.

"Ele é excelente para analisar um problema e encontrar uma solução", diz seu filho Stephen. "Tem um talento extraordinário para realizar as coisas por meio de outras pessoas. Ele dá às pessoas a responsabilidade de resolverem os próprios problemas e a autoridade para fazer o que for necessário. Quando o problema é resolvido dá-lhes o crédito. Ele consegue fazer com que as coisas aconteçam anonimamente.

Algumas pessoas foram treinadas para concentrarem-se no elo mais fraco e arrancá-lo fora, mas isso pode destruir vidas. Meu pai prefere fortalecer o elo em vez de substituí-lo. Ele ama as pessoas e faz tudo o que for necessário para ajudá-las."

O Élder Henry B. Eyring, dos Setenta, que foi conselheiro do Bispo Hales no Bispado Presidente, reforça o que foi dito. "O Élder Hales é um edificador de pessoas. Faz muitos anos que ele ajuda as pessoas sem fazer alarde. Quando descobre que alguém precisa de alguma coisa, ele procura ajudar."

Para espairecer, o Élder Hales gosta de esportes, principalmente de golfe. Ele e Mary também gostam de estar com os filhos, as noras e os oito netos. A família Hales comprou uma antiga casa de campo perto do Lago Bear (entre os estados de Utah e Idaho), onde gostam muito de passar alguns fins de semana em família. "Aprendemos o valor de dar atenção individual aos netos", diz o Élder Hales. "Levo-os para verem ninhos de pássaros, visitarem fazendas, fazerem caminhadas, participarem de atividades físicas e esportivas. Mary gosta de ler com eles."

Apesar de gozar de boa saúde atualmente, o Élder Hales já sofreu dois ataques do coração. "Sinto-me feliz por cada dia em que estou aqui", diz ele. "Sou muito grato por todos e por tudo na Terra e nos céus." (*Ensign*, maio de 1994, p. 106.)

Como as outras pessoas descrevem o Élder Hales? "Compassivo", diz a nora Susan. "Ele não é crítico. Ele perdoa e esquece. Honra os pais e até hoje dá-lhes crédito por criá-lo com altos padrões. Ele nunca cede em seus padrões; vive-os continuamente."





***Acima, à esquerda*: Na conferência de área de Paris, França, em 1979, com *(da esquerda para a direita)* Presidente N. Eldon Tanner, Presidente Spencer W. Kimball, Élder Thomas S. Monson e Élder Charles Didier. *Acima, à direita*: Élder Hales *(fila da frente, terceiro a partir da direita)*, em uma conferência de zona em Nuremberg, na missão Alemanha Munique, em abril de 1982. *Abaixo*: Élder Hales visita um campo de refugiados no Quênia, em 1993 (fotografia cedida por Gary Porter).**

Seu filho Stephen diz: "Ele respeita a privacidade das pessoas e guarda segredos. Ele anseia fazer o que é certo pela razão certa e sempre foi um bom exemplo para mim."

"A paciência é uma de suas maiores qualidades. Ele é um pai muito paciente", diz o filho David. "Na vida profissional, ele negocia bem. Tem a capacidade de falar com ambas as partes, fazendo com que se concentrem no problema e no objetivo final."

Diz Mary: "Ele é totalmente íntegro. Seu coração é puro e sempre tem o desejo de fazer o que é certo."

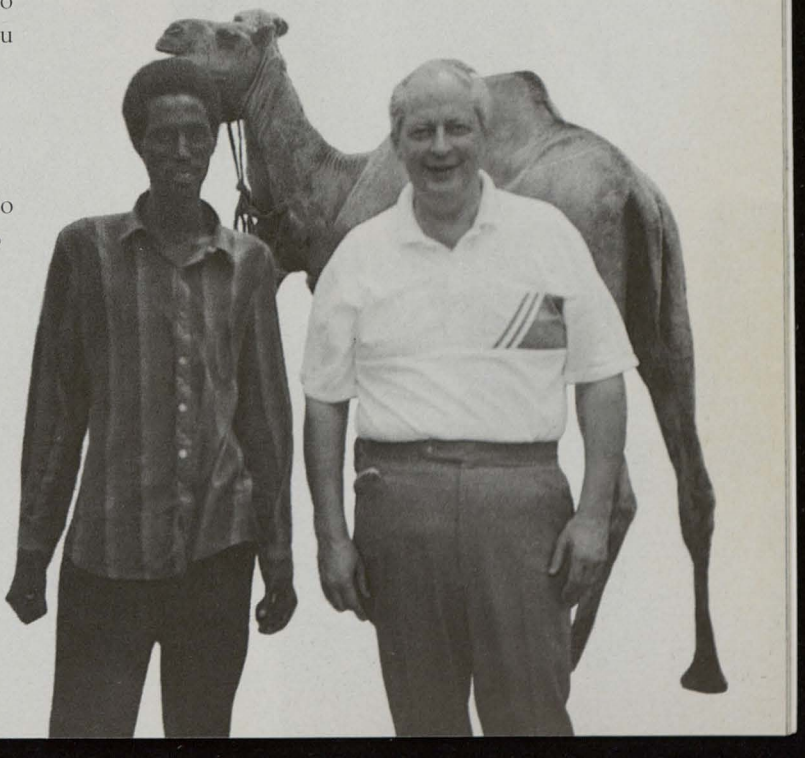
"O Élder Hales não faz acusações", diz um colega de trabalho. "Seu estilo de gerenciamento é deixar as pessoas encontrarem as soluções. Ele respeita os líderes do sacerdócio. Quando a Primeira Presidência fala, ele é seu servo humilde."

"SOU UM DISCÍPULO"

Na quinta-feira, 7 de abril de 1994, no Templo do Lago Salgado, o Presidente Ezra Taft Benson, junto com seus conselheiros, Presidente Gordon B. Hinckley e Presidente Thomas S. Monson, participou da ordenação e designação do Élder Hales como Apóstolo. Todos os membros do Quórum dos Doze estavam presentes.

Agora, como membro do Quórum dos Doze, o Élder Hales junta-se aos outros Apóstolos como testemunha especial de Cristo. O lema "Volte Honrosamente", que tanto inspirou o Élder Hales como piloto de caça, serve-lhe de tema, sempre presente em sua vida, quer esteja ele em uma reunião de negócios com executivos ou divertindo-se com os filhos. Como líder da Igreja ou no relacionamento com a esposa, ele sempre voltou honrosamente.

"Viemos à Terra para sermos testados", diz o Élder Hales. "Pela obediência fiel e resistindo até o fim, podemos um dia voltar honrosamente à presença de nosso Pai Celestial e Seu Filho Jesus Cristo. Não desejo deixar passar a oportunidade de prestar meu testemunho. Como lemos em 3 Néfi 5:13: 'Sou discípulo de Jesus Cristo, o Filho de Deus. Fui por ele chamado para anunciar sua palavra ao povo, a fim de que tenham vida eterna.'" □



Seminário no Danúbio

Marvin K. Gardner
FOTOGRAFIA DE BRIAN K. KELLY E MARVIN K. GARDNER

Você já deve ter ouvido falar do Danúbio, o famoso rio que corta o centro e o sudeste da Europa. Para muitas pessoas, esse rio associa-se à música de violinos vinda de belas cidades ao longo das margens da cintilante faixa azul.

Em décadas recentes, contudo, na



cidade de Dunaújváros, na Hungria, à beira do Danúbio, essa música foi abafada. Antes de 1949, essa cidade era uma pequena vila de agricultores, conhecida como Dunapentele. O líder soviético Joseph Stalin transformou-a na idéia que tinha de uma cidade comunista modelo. Mudou seu nome para "Sztálinváros" ("Cidade de Stalin"), moveu para o local milhares de pessoas de todo o país e criou uma cidade de trabalhadores—cheia de enormes fábricas cuspindo fumaça negra das chaminés para o céu, e fileiras e mais fileiras de prédios de apartamentos de concreto cinza. A cidade era planejada para ter o máximo de eficiência e dinamismo. Faltava-lhe beleza—nem uma única igreja foi construída na cidade modelo de Stalin. Era fundamental que não existisse liberdade de religião, de imprensa e de reunião. Uma geração inteira cresceu sem a oportunidade de aprender a respeito de Deus e de Seu Filho Redentor.

Em anos recentes, porém,





espantosas mudanças ocorreram na Hungria. Em 1987, o Élder Russell M. Nelson deu uma bênção apostólica ao país. Em 1988, a Igreja foi oficialmente reconhecida. Em 1989, a Hungria tornou-se democrática. Em 1990, abriu-se a Missão Hungria Budapeste. Em 1991, o Livro de Mórmon foi publicado em húngaro; e a primeira edição da revista da Igreja saiu em 1993.

Enquanto eventos extraordinários ocorriam por todo o país, mudanças notáveis se davam também na "cidade comunista modelo". Após a morte de Stalin, os cidadãos de Sztálinváros deram à cidade um novo nome: "Dunaújváros" ("Nova Cidade no Danúbio"). Ela continuou sendo um grande centro industrial, mas hoje, com o nascimento da democracia, há ali uma atmosfera de esperança. A sensação de liberdade ainda é muito doce na vida de seus cidadãos.

Os primeiros batismos SUD em Dunaújváros aconteceram em 1989. Nos rápidos seis anos que se seguiram, houve uma grande colheita de conversos. Existem hoje 230 membros e dois ramos da Igreja na cidade; e uma nova música está começando a ser ouvida—as vozes vibrantes dos jovens SUD. Eles estão descobrindo a beleza do evangelho, rejubilando-se com a nova descoberta e compartilhando-a com as pessoas.



Numa cidade que uma vez levou o nome de Stalin, o presidente do ramo, Váczy Károly, *acima*, conversa sobre o evangelho com alunos do seminário. Perger Ildikó, *à esquerda*, é recém-conversa. Horváth Attila, *abaixo*, batizou os pois. *À direita* Für Mária, Vereckei Krisztina, e Bozó Brigitta tornaram-se grandes amigas no seminário.



COMO OS SANTOS DOS DIAS DE JOSEPH

Csapó András, de vinte anos, foi um dos primeiros conversos. (Os

húngaros usam primeiro o sobrenome e depois o primeiro nome.) Batizado em 1989, quando tinha 15 anos, ele agora é o professor do seminário do Ramo Dois e prepara-se para servir como missionário de tempo integral.

Esta noite, András dá as boas-vindas a seus treze alunos do seminário e eles arrumam as cadeiras ao redor da mesa sobre a qual estão seus Livros de Mórmon que, pelo aspecto, já foram muito usados. Eles cantam "Sou um Filho de Deus". Uma moça oferece a primeira oração.

Devido ao fato de a Igreja ser tão nova aqui, todos são recém-conversos. Sete alunos são membros há dois anos, cinco há apenas um ano. Três são os únicos batizados em suas famílias. Quatro trouxeram os pais para a Igreja.

A vida de cada um está, de alguma forma, associada à vida de todos os outros. Muitos foram batizados porque alguém da classe apresentou-lhes o evangelho. A conseqüência disso é o amor e união notáveis que se evidenciam nas brincadeiras e risadas inocentes à mesa.

Esses alunos do seminário estão vivendo o mesmo espírito que devem ter vivido os santos dos dias de Joseph Smith: a novidade e beleza do evangelho, a experiência de descobrir por si mesmos a veracidade de todas essas coisas e depois falar a respeito delas para os outros. A sensação de estar no começo de algo maravilhoso e exultante, algo destinado a encher toda a Terra!

O DOM RECÉM-DESCOBERTO

Duas moças desta classe do seminário chamam-se Brigitta, ambas com 16 anos. "Quem me falou da Igreja pela primeira vez foi minha amiga da escola, Seres Brigitta", diz Bozó Brigitta. "Comecei a freqüentar a reunião sacramental e fiz um monte de amigos aqui. Depois, quando chegou o dia da conferência de jovens, naturalmente achei que devia ir. Lá senti pela primeira vez que precisava fazer parte desta Igreja. Fui batizada uma semana mais tarde." Dois meses após o batismo de Brigitta, sua mãe e seu irmão de 15 anos, László, foram batizados. (Seu pai falecera seis anos antes.) "Agora nós três—toda a nossa família—somos membros da Igreja. É maravilhoso!"

"No início pensei que só minha amiga fosse ser batizada", diz Seres Brigitta. "Fiquei admirada quando sua família também entrou para a Igreja."

Quando um amigo SUD da escola convidou Horváth Atilla, de 16 anos, para uma reunião sacramental, Atilla gostou do que viu. "Então, quando meu amigo disse que a Igreja dava muita importância à família, fiquei ainda mais interessado." Em semanas, Atilla estava batizado.

Três meses depois, seu pai pediu para ouvir as palestras. "Naquele tempo eu já sabia o bastante a respeito da Igreja para ajudar meu pai", diz Atilla. "O conhecimento que obtive no seminário ajudou-me a explicar-lhe as escrituras. Contudo, como ele bebia muito café e fumava bastante, eu não tinha muita esperança de que viesse a ser batizado. Fiquei maravilhado quando vi como—com a ajuda do Pai Celestial—ele foi capaz de tirar aquelas coisas de sua vida. Dois meses mais tarde, eu batizei meu pai!



Depois, quando minha mãe viu o quanto eu e meu pai estávamos

felizes na Igreja, também começou a ficar interessada. Batizei-a três meses depois de batizar meu pai! No dia seguinte, minha família inteira veio à Igreja prestar testemunho. Não é possível dizer o que senti."

AJUDANDO UM AO OUTRO

Depois de se converterem ao evangelho, esses jovens ajudam-se mutuamente a permanecerem



firmes. No verão passado, Klein Kinga, de 19 anos, e outra jovem da Igreja arrumaram emprego longe de casa. "Não havia membros da Igreja por lá, só nós duas e o mundo", diz ela. "Enfrentamos muita adversidade. À noite, quando íamos para casa, orávamos juntas, líamos juntas o Livro de Mórmon e esperávamos as cartas que recebíamos de amigos daqui de Dunaújváros. Essas coisas nos ajudaram a atravessar aqueles tempos difíceis".

Balatoni Gábor e Borsos Péter, ambos de 18 anos, tiveram uma experiência semelhante trabalhando longe de casa. "Todos a nossa volta fumavam, bebiam, tinham linguajar vulgar e outros hábitos indignos. No começo, foi difícil para nós", afirma Gábor. "Então, achamos um lugar onde podíamos orar juntos todos os dias. Ajudou muito."

Uma tarde, Vereckei Krisztina, de 16 anos, estava sozinha em casa. "Adoro sentir o Espírito Santo, sentir que a Igreja é verdadeira", ela diz. "Mas naquele dia eu não estava com esse sentimento e isso me perturbava muito." Ela ouviu música da Igreja, leu o Livro de Mórmon e orou. Por alguma razão, porém, ainda não sentia o Espírito.

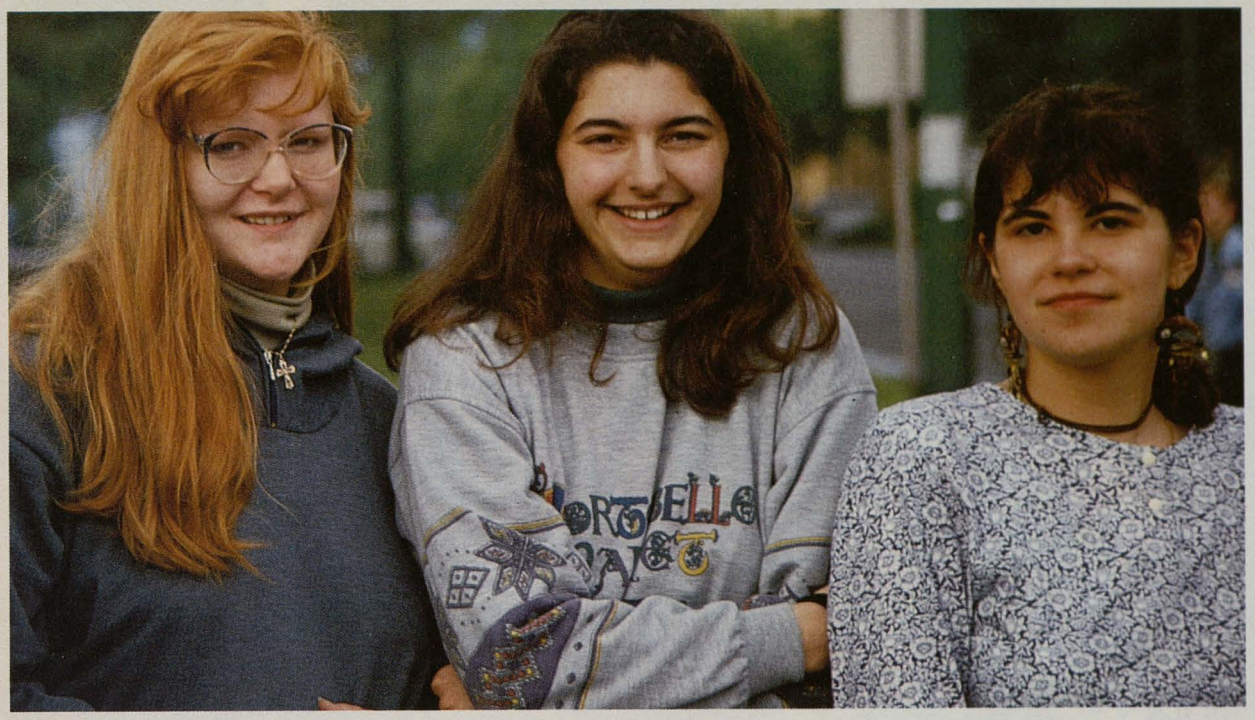
"Fui visitar minha amiga, Seres Brigitta", conta. "Pedi-lhe que déssemos um passeio juntas. Enquanto andávamos, falamos de Jesus Cristo e do Pai Celestial. Sem me dar conta, prestei-lhe meu testemunho e ela prestou-me o seu. Sentamo-nos num banco por umas duas ou três horas, compartilhando nosso testemunho e, lá, sentadas, enquanto as pessoas passavam, imaginamos que Deus estava olhando para *nós* e que estava orgulhoso por estarmos conversando a Seu respeito. Senti o Espírito Santo e percebi que meu testemunho fora fortalecido. Fiquei muito feliz depois daquilo."

"NINGUÉM CONSEGUIU DORMIR"

Um acontecimento importante na curta história da Igreja na Hungria foi a conferência de jovens realizada em Budapeste, no verão de 1993. Quase 200 rapazes e moças de toda a Hungria compareceram ao evento. Houve shows de talentos, atividades esportivas e oficinas. O melhor momento, porém, foi a reunião de testemunhos, que durou quatro horas.

"É impossível dizer quão belos foram os testemunhos", diz Valkai Nikoletta, de 18 anos. "Todos choraram. O Espírito Santo estava lá. Naquela noite ninguém conseguiu dormir. Na manhã seguinte, não queríamos ir para casa. Fizemos a última oração no final da conferência e fomos embora tristes por haver terminado. Ao mesmo tempo, porém, estávamos felizes. Sentíamo-nos tão próximos uns dos outros que viemos cantando por todo o caminho de volta a Dunaújváros. O Espírito Santo estava conosco enquanto cantávamos."

O seminário fornece oportunidades regulares de experiências que fortalecem o testemunho e unem os jovens. "Para mim, o seminário é um programa importante por duas razões", diz Borsos Éva, de 16 anos. "Primeiro, quem se prepara para o seminário tem que ler o Livro de Mórmon regularmente, e isso é bom. Segundo, o seminário dá-nos a oportunidade de estarmos juntos. Os jovens deste ramo são fortes e unidos—e somos gratos ao programa do seminário por isso. Quando compartilhamos nosso testemunho uns com



Após encontrarem a beleza do evangelho, alunos húngaros do seminário, como Somodi Zsuzsanna, Valkai Nikoletta e Klein Kinga, *acima*, e Borsos Éva, *abaixo*, anseiam por compartilhá-lo com outros. Csapó András, de vinte anos, *à esquerda*, é o professor do seminário.



os outros—e isso fazemos muitas vezes—é muito proveitoso. Há mais ou menos uma semana, tivemos uma reunião de testemunho na aula do seminário e sentimos a força do Espírito. Tive as mesmas sensações de quando estava na conferência de jovens. Isso me dá bastante força."

"O TEMPLO NÃO TINHA TELHADO!"

Outros eventos importantes foram as viagens que os jovens SUD fizeram em abril e agosto de 1994 ao Templo Freiberg Alemanha a fim de serem batizados pelos mortos. Jovens de toda a Hungria lotaram os ônibus para a jornada de 22 horas. Depois, voltaram para casa com uma missão: espalhar o que fizeram, para que outros também sentissem o vigor e a beleza dessa experiência.

"Eu não conhecia as pessoas em favor das quais estava sendo batizada, nem quando elas viveram", diz Somodi Zsuzsanna, de 18 anos. "No meio dos batismos, de repente senti o Espírito. Tive a sensação de que talvez a pessoa tinha aceitado o evangelho no mundo espiritual e estava esperando que alguém fosse batizada em seu favor. Jamais senti algo tão maravilhoso."

"Quando eu estava dentro do templo", diz Borsos Péter, de 18 anos, "tive a sensação de que o templo não tinha telhado—de que havia contato direto com o céu!"

"SABER QUE O PAI CELESTIAL NOS AMA"

Encontrar a beleza. Alegrar-se com o dom recém-descoberto. Compartilhá-lo com os outros.

"Não há sentimento mais maravilhoso", diz Vereckei Krisztina, de 16 anos, "do que saber que o Pai Celestial nos ama."

Estes alunos do Seminário húngaros—que cantam uma nova música em sua cidade às margens do Danúbio—têm essa convicção. □



ILUSTRADO POR MITCHELL HEINZE

EU TINHA QUE TENTAR

David Hersam

Sentamo-nos desordenadamente no gramado molhado, em frente ao Monumento Joseph Smith, em Sharon, Vermont, onde o profeta nasceu. Dentro de ponchos, numa vã tentativa de permanecermos secos, nos esforçávamos para ouvir a voz de nosso líder, misturada com o som da chuva. Em pouco tempo concluiríamos nossa atividade final—passar algum tempo dentro do bosque em meditação e auto-avaliação.

Essa idéia realmente me agradava. Antes, um orador havia contado uma história de quando o Presidente David O. McKay recebeu a bênção patriarcal. Naquele tempo, o pequeno David, com treze anos, era campeão de bolinha de gude. Depois da bênção, o patriarca disse a David que ele tinha coisas mais importantes a fazer do que jogar bolas de gude. No momento, eu sentia o mesmo. Era hora de "pôr de lado as bolas de gude" e decidir o que fazer da vida. Grande parte dessa decisão dependia da minha certeza de que a Igreja era verdadeira. Decidi perguntar ao Pai Celestial.

Quando entrei no bosque, o mundo inteiro pareceu silencioso. Com o poncho protegendo-me da chuva, achei um lugar isolado e, em pensamento, cantei alguns hinos. Depois, li as escrituras por uns instantes. Quando me senti pronto, ajoelhei-me para orar.

Eu estava animado, mas, ao mesmo tempo, nervoso. Já havia sentido o Espírito antes, em reuniões de jejum e testemunho e quando obtive testemunho do Livro de Mórmon, mas não podia honestamente dizer que sabia que a Igreja era verdadeira. E se eu orasse e nada acontecesse? E se, ajoelhar e orar em voz alta ali no bosque não fizesse mais do que me molhar?

Mesmo assim, decidi que precisava tentar. Ajoelhei-me sobre folhas encharcadas e inclinei a cabeça em oração. Falei em voz baixa, temendo que alguém estivesse espiando, e perguntei simplesmente se eu pertencia à igreja verdadeira de Deus. Terminei minha oração e continuei ajoelhado, esperando uma resposta.

A princípio, tive a impressão de que eu já sabia que a Igreja era verdadeira, mas imaginei que isso podia estar vindo de meus próprios pensamentos; então orei de novo.

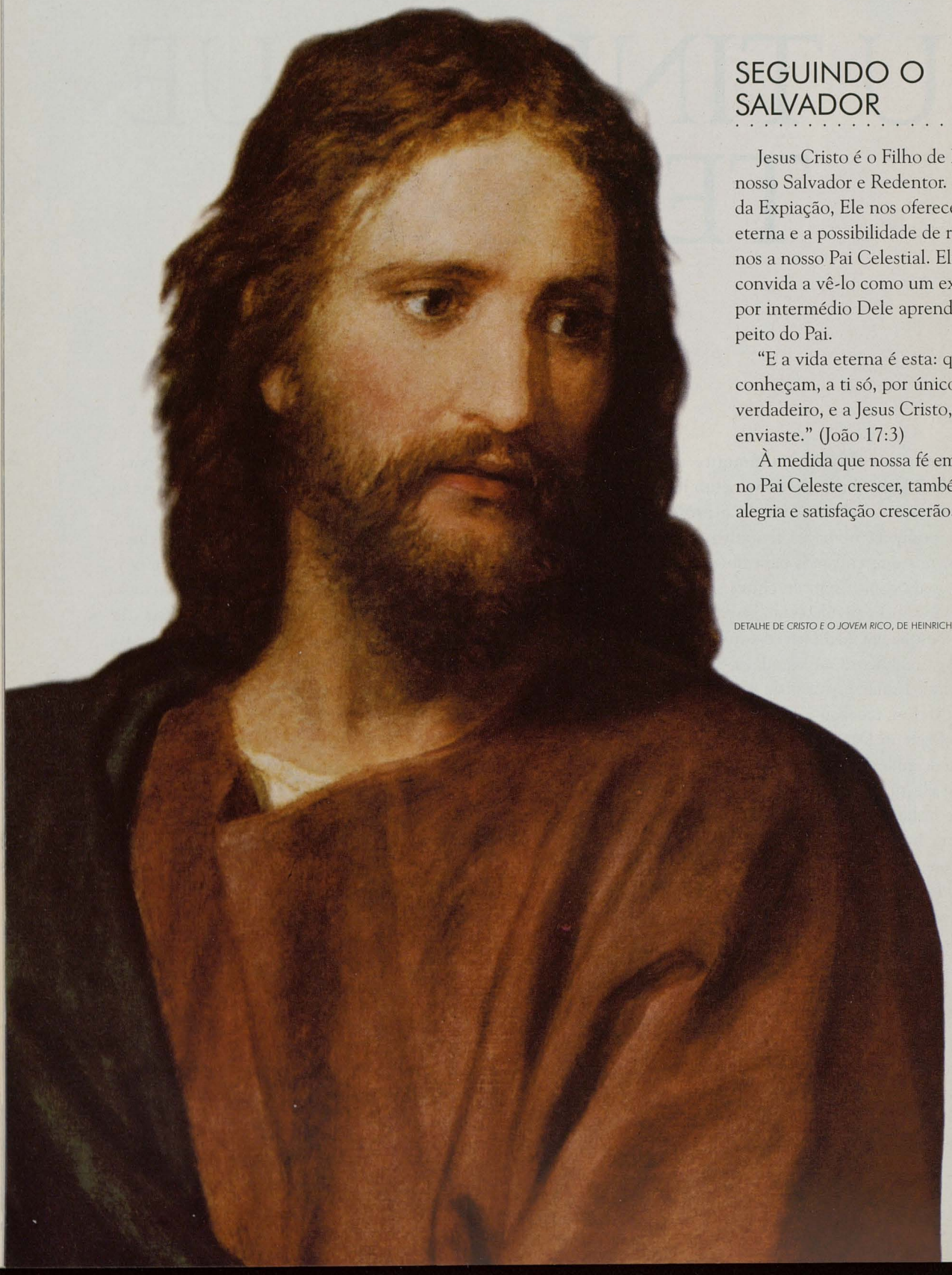
"Você já sabe", veio a resposta novamente, junto com uma sensação cálida e tranqüila do Espírito, envolvendo-me com paz e alegria.

Meu coração acelerou e não pude conter um grande sorriso. Percebi que, por meio do seminário e do estudo pessoal, eu edificara meu testemunho passo a passo, preceito sobre preceito, tão devagar que nem me dera conta de que o obtivera.

Eu possuía um testemunho da Igreja, já podia deixar de lado as coisas menos importantes da vida e continuar meu desenvolvimento espiritual. Senti-me deveras aliviado, contente e grato por saber, por mim mesmo, que a Igreja era verdadeira. Ainda de joelhos, inclinei novamente a cabeça e fiz uma oração de agradecimento ao Pai Celestial pelo testemunho que, embora não o soubesse, eu já possuía. □

ILUSTRADO POR MITCHELL HEINZE

PARA SUA INFORMAÇÃO



SEGUINDO O SALVADOR

Jesus Cristo é o Filho de Deus, nosso Salvador e Redentor. Por meio da Expiação, Ele nos oferece a vida eterna e a possibilidade de retornarnos a nosso Pai Celestial. Ele nos convida a vê-lo como um exemplo e por intermédio Dele aprender a respeito do Pai.

"E a vida eterna é esta: que te conheçam, a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste." (João 17:3)

À medida que nossa fé em Cristo e no Pai Celeste crescer, também nossa alegria e satisfação crescerão. □

DETALHE DE *CRISTO E O JOVEM RICO*, DE HEINRICH HOFMANN

EM TROCA

Devido a Seu grande amor por nós, o Pai Celestial enviou Seu Filho como nosso Salvador. Também deu-nos outros dons e bênçãos. Porém, àquele que muito for dado, muito se lhe exigirá. (Ver D&C 82:3.) Podemos demonstrar nossa gratidão por meio da reverência e da obediência.



Ele nos deu o mundo em que vivemos

Em troca, devemos respeitá-lo e preservá-lo.

Ele nos deu nossa família.

Em troca, podemos dar o melhor de nós, apoiando e incentivando a harmonia e a união.

Ele nos deu bens materiais.

Em troca, podemos agradecer-Lhe diariamente, pagar o dízimo fielmente e compartilhar o que temos com as pessoas em dificuldades.



Ele nos deu as escrituras.

Em troca, devemos estudar diligentemente as "palavras de vida". (Ver D&C 84:85.)

Ele nos deu revelações modernas.

Em troca, podemos dar ouvidos aos profetas vivos e seguir sua orientação.

Ele nos deu o Espírito Santo para consolar-nos e guiar-nos à verdade.

Em troca, podemos escutar e seguir a voz mansa e delicada.

Ele nos deu Seu amor.

Em troca, podemos amá-Lo e amar-nos uns aos outros.

Ele nos deu Sua Igreja.

Em troca, podemos adorá-Lo todas as semanas, edificar nossa própria fé e a fé de outros.

Ele nos deu o Sacerdócio, um encargo sagrado.

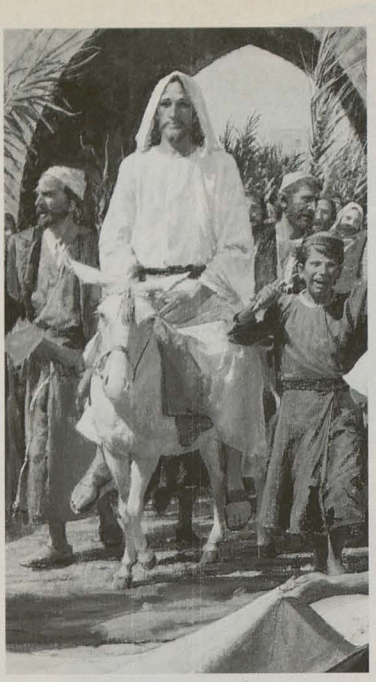
Em troca, devemos honrá-Lo.

Ele nos deu templos. Abre-nos Suas casas, a fim de que realizemos ordenanças sagradas e salvadoras para nós mesmos e para outras pessoas.

Em troca, precisamos tratar os templos com respeito, visitá-los com freqüência e assegurar-nos de que as ordenanças do templo sejam feitas.

Ele nos deu a Expiação, Seu maior dom. O Salvador pagou nossos pecados e tornou a ressurreição possível a todos. Também possibilitou-nos a exaltação, se nos provarmos dignos.

Em troca, precisamos ter fé, arrepender-nos, ser batizados, receber o dom do Espírito Santo e perseverar até o fim. □



ENTRADA TRIUNFAL DE CRISTO EM JERUSALÉM, DE HARRY ANDERSON

OS ÚLTIMOS DIAS DE JESUS

Anne Woodbury Moore

A última semana de vida de Jesus foi pontilhada de acontecimentos importantes. Estude a história nos quatro evangelhos do Novo Testamento (Mateus 26–28; Marcos 11:12–16; 14–16; Lucas 22–24 e João 18–20). No(s) espaço(s) ao lado de cada dia, relacione em seqüência o(s) acontecimento(s) que ocorreu(ram) naquele dia.

Sábado: Dia da Unção _____
Domingo: Dia da Popularidade _____
Segunda-feira: Dia da Autoridade _____
Terça-feira: Dia do Conflito _____
Quarta-feira: Dia do Repouso _____
Quinta-feira: Dia da Confraternização _____, _____, _____
Sexta-feira: Dia do Sofrimento _____, _____, _____, _____, _____, _____, _____, _____, _____, _____
Sábado: Dia do Silêncio _____
Domingo: Dia do Triunfo _____

1. Houve trevas sobre toda a Terra durante três horas.

2. Ao nascer do sol, Jesus é oficialmente condenado por Caifás e pelo Sinédrio judeu.

3. Maria unge Jesus em Betânia.

4. Jesus morre.

5. Colocam uma coroa de espinhos em Jesus e escarnecem Dele.

6. Jesus amaldiçoa a figueira estéril e purifica o templo.

7. Colocam-se guardas junto à sepultura.

8. Pilatos envia Jesus a Herodes.

9. Jesus participa da "Última Ceia" com Seus Apóstolos.

10. O lado de Jesus é traspassado com uma lança.

11. Simão, um cireneu, ajuda Jesus a levar a cruz até o Calvário.

12. Jesus entra triunfalmente em Jerusalém.

13. Jesus provavelmente passa um dia de descanso com Seus amigos em Betânia.

14. Jesus é sepultado no sepulcro de José de Arimatéia.

15. Jesus é levado ao presidente romano, Pôncio Pilatos, mais ou menos às 6 horas.

16. Jesus ora no Jardim de Getsêmani.

17. Jesus ressuscita vitoriosamente dos mortos.

18. Os soldados dividem a túnica de Jesus.

19. Jesus ensina no templo e no Monte das Oliveiras.

20. Herodes envia Jesus de volta a Pilatos, que liberta Barrabás e entrega Jesus para ser crucificado.

21. Cerca de meia-noite, Judas trai Jesus com um beijo e Jesus é preso pelos principais dos sacerdotes, escribas e anciãos. □

Respostas:
Sábado: 3; Domingo: 12; Segunda-feira: 6; Terça-feira: 19, Quarta-feira: 13, Quinta-feira 9, 16, 21; Sexta-feira: 2, 15, 8, 20, 5, 11, 18, 1, 4, 10, 14; Sábado: 7; Domingo: 17.



ILUSTRADO POR ROBERT T. BARRETT

COISAS QUE LEMBRAM JESUS CRISTO

"Todas as coisas são criadas e feitas para prestar testemunho de mim." (Moisés 6:63) Muitas coisas, tanto nas escrituras quanto em nossa vida hoje, simbolizam Cristo e Seu sacrifício. Veja se consegue identificar como as descrições a seguir relacionam-se a Ele.

Respostas:

1. O batismo simboliza, entre outras coisas, a morte e a ressurreição de Jesus Cristo. Também, quando somos batizados prometemos iniciar uma nova vida, seguindo-O. (Romanos 6:3–4)

2. O pão e a água do sacramento representam o corpo e o sangue de Cristo e ajudam-nos a lembrar de Sua expiação por nossos pecados. Quando tomamos o sacramento, também renovamos os convênios que fazemos com Ele no batismo. (Morôni 4:3; 5:2)

3. A serpente de bronze que Moisés levantou no deserto para curar todos os que olhassem para ela, nos diz que devemos esperar em Cristo para a remissão de nossos pecados. (João 3:14–15; Helamã 8:14–15; Alma 33:19–22)

4. Os três dias que Jonas passou nas entranhas do "grande peixe" foi para lembrar-nos dos três dias que decorreriam entre a morte e a ressurreição de Jesus Cristo. (Jonas 1:17; Marcos 9:31)

5. Jesus é conhecido como o Cordeiro de Deus. Também, os sacrifícios feitos pelos israelitas como parte da Lei de Moisés—as primícias dos rebanhos, imaculadas—representam o sacrifício que o Pai Celestial faria do Seu Filho. (Êxodo 12:5; Moisés 5:7)

6. A dádiva do maná aos israelitas ensina que não vivemos apenas de pão, mas das palavras de Cristo, que é o "pão da vida". (Deuteronômio 8:3; João 6:35)

7. Muitos profetas comparam Cristo a uma rocha ou uma pedra, como em "a rocha [ou alicerce] da nossa salvação". Todos os edifícios possuem uma pedra angular, e Cristo é a pedra angular de nossa Igreja e de nossa fé. (Efésios 2:20)

8. Assim como a Liahona guiou Leí e sua família à terra prometida, as palavras de Cristo nos guiarão a uma terra da promessa. (1 Néfi 16:10, 26–29)

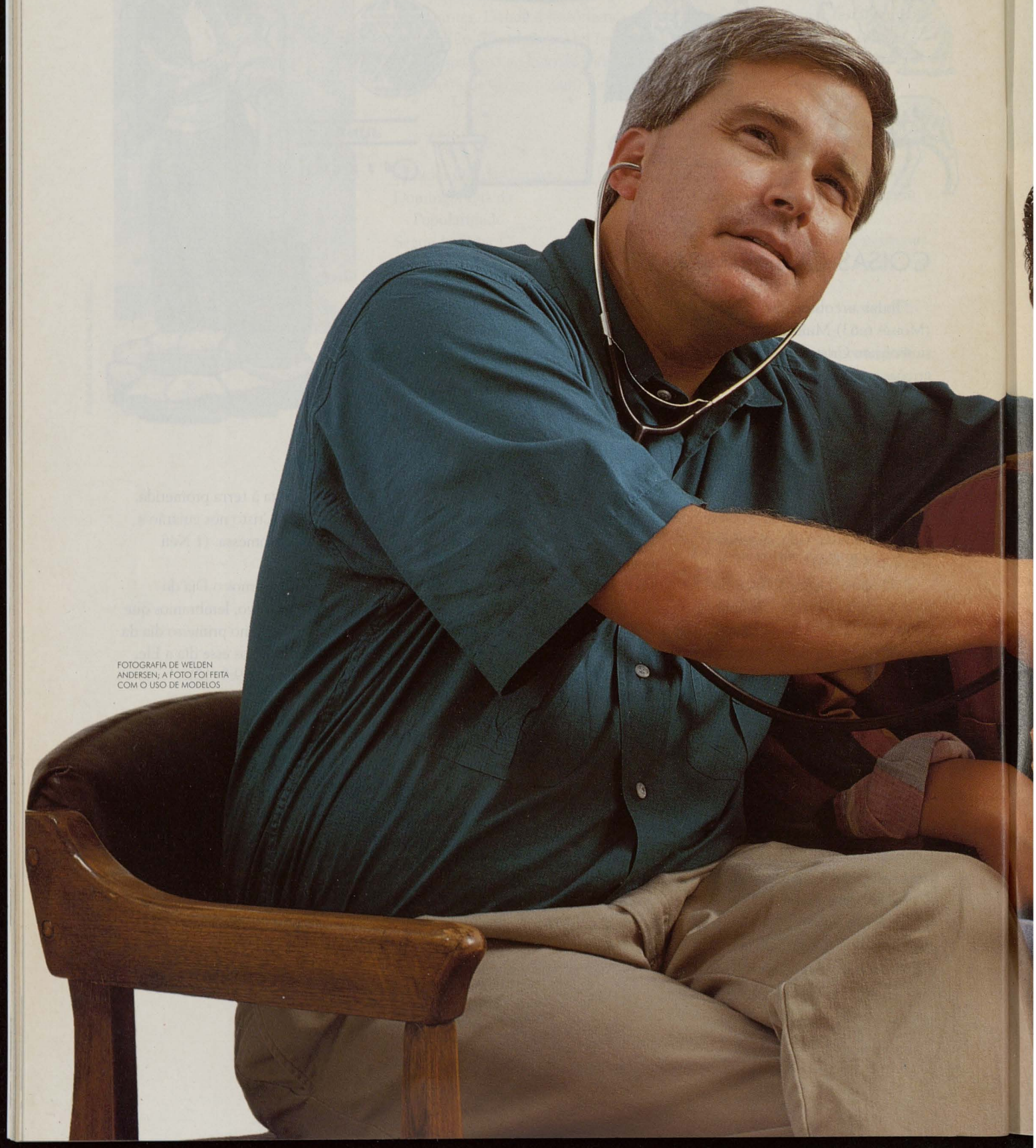
9. Ao observarmos o Dia do Senhor no domingo, lembramos que Cristo ressuscitou no primeiro dia da semana e dedicamos esse dia a Ele. (João 20:1; D&C 59:9–10)

10. A luz nos lembra que o Salvador é a "luz do mundo". (João 9:5)

11. A água sugere que Cristo é como a água viva, "vertendo para a vida eterna". (D&C 63:23)

12. Cristo usou um noivo para representá-lo na parábola das dez virgens. Ele estava enfatizando a necessidade de as pessoas se prepararem e estarem prontas para quando o Senhor regressar. (Mateus 25:1–13) □

UM OUVID



FOTOGRAFIA DE WELDEN ANDERSEN; A FOTO FOI FEITA COM O USO DE MODELOS

O ATENTO



Aprendi mais a respeito de meu filho durante meia hora, ouvindo-o, do que tinha aprendido durante muitos anos dando-lhe sermões.

Ted Hindmarsh

Enquanto meu filho, ali na minha frente, cabisbaixo e zangado, lutava contra as próprias frustrações, eu tinha vontade de abraçá-lo e confortá-lo. Ele queria, tanto quanto eu, expressar-se com sinceridade, mas nenhum de nós estava obtendo muito sucesso.

Senti que se pudesse ao menos segurá-lo de novo, como fazia quando era pequeno, talvez ele ficasse sabendo o quanto o amava e me importava com ele. Mas, aos 16 anos, meu filho ficava embaraçado com demonstrações de afeto, especialmente vindas do pai.

"Nunca vou conseguir", murmurou ele, "é pedir demais, e eu simplesmente não sou bom o bastante."

"Não é verdade", disse eu. Lembrei-me de meus tempos de adolescente e elevei a voz: "Ora, quando eu tinha a sua idade . . ."

"Pai, você não entende", ele interrompeu-me. "Acho que nunca vai entender."

É claro que eu entendia! Meu coração doía com as coisas importantes que desejava dizer-lhe—lições que ansiava por ensinar-lhe. Ele não estava sendo justo, afinal eu não era *tão* velho, e não fazia *tanto* tempo que eu estivera em seu lugar.

Quantas vezes eu lhe contara a respeito de minhas frustações de adolescente? Quantas escrituras maravilhosas eu lera para ele? Quantas vezes eu o fizera sentar-se e lhe dera conselhos bons e sadios, extraídos de

minha própria experiência?

Se ele ao menos me ouvisse, perceberia que eu sabia do que estava falando. Mas eu não conseguia fazê-lo entender, porque não conseguia fazer com que ele me ouvisse. Quando ele se levantou abruptamente para sair, chamei-o de volta.

"Filho, por que você nunca ouve?", perguntei.

Pela primeira vez na discussão, ele olhou-me diretamente nos olhos. Seu olhar chocou-me, mas não mais do que suas palavras.

"Pai, tudo o que eu faço é ouvir o que você diz. Minha pergunta é: Por que *você* nunca pára para ouvir o que *eu* tenho a dizer?"

No começo, sua pergunta surpreendeu-me e deixou-me furioso. Mesmo que eu esperasse que ele sempre me ouvisse, o que havia de tão errado nisso? Afinal, eu era seu pai.

De repente, porém, ali sentado, percebi que o que meu filho me dissera era verdade. Eu estivera falando e pregando a ele, quando deveria ter estado ouvindo. Minha preocupação com ele tinha fundamento, mas o modo como eu a expressava, não.

Durante os dias que se seguiram, percebi que eu era orgulhoso da sabedoria que tanto queria compartilhar. Eu ainda não aprendera a importância de ouvir. Sem que me desse conta, estivera afirmando a meu filho que minhas experiências e idéias eram mais importantes que as dele. Envergonhei-me de minha insensibilidade.

Meu filho não era a única pessoa que eu não ouvia. Eu também falhava em ouvir o ungido do Senhor, que aconselhou os pais a "passar longo tempo ouvindo, não só falando, [ouvindo] com o coração e mente abertos, [pois] quando os filhos sabem que podem falar abertamente de seus sentimentos, problemas e vitórias, desenvolve-se um relacionamento maravilhoso entre pais e filhos." (Ben B. Banks, *A Liahona*, janeiro de 1994, p. 32.)

Percebi que nunca entenderia meu filho se continuasse olhando-o estritamente do meu ponto de vista. Tampouco poderia compreender sua perspectiva sem verdadeiramente ouvi-lo e ouvir ao Espírito, tanto com os ouvidos quanto com o coração.

Entendi claramente que ouvir é uma maneira de demonstrar amor. É uma das maneiras pelas quais demonstramos amor aos filhos, principalmente quando eles são velhos demais para os pegarmos no colo. Ouvindo também demonstramos amor e respeito.

Depois de muito ponderar e arrepender-me, tentei novamente.

"Tem tempo para uma conversa?", perguntei-lhe. "Eu gostaria de uma nova oportunidade."

"É melhor não, pai. Sei que tem boas intenções, mas eu não quero."

"Eu queria mudar os papéis desta vez", disse eu. "O que você acha de eu ouvir enquanto você fala? Entendo sua descrença, mas só darei conselhos se você pedir."

Seu sorriso amável contrastou com o olhar de poucos dias atrás. Dessa vez eu realmente ouvi. Houve momentos em que tive que sufocar a vontade de falar, mas aprendi mais a respeito de meu filho durante meia hora, ouvindo-o, do que tinha aprendido durante muitos anos dando-lhe sermões.

Aquela foi a primeira das várias conversas de coração para coração que passamos a ter. Acredito que podemos conversar sobre o que quer que seja, agora. Nem sempre concordamos um com o outro, mas, ouvindo, passamos a entender um ao outro e a evitar algumas das armadilhas que marcavam nossas conversas anteriores. Poder comunicar-se, diz Paulo, é "um bom fundamento para o futuro". (I Timóteo 6:18–19) Ouvir com os ouvidos e o coração pode não ser fácil, mas é sempre essencial—especialmente para membros da família que precisam saber que são amados. □



Ecce homo (Eis aqui o homem), de Antonio Ciseri; Scala/Art Resource, Nova York

Acusado de rebelião pelos principais sacerdotes, Jesus foi levado perante Pilatos, o governador romano da Judéia, que não pôde encontrar "nenhum crime (. . .) nele". Temendo sentenciar Jesus erroneamente, Pilatos apresentou-o ao povo para que dessem o veredito. Jesus saiu "levando a coroa de espinhos e o vestido de púrpura" colocado nele por soldados que o escarneciam. E Pilatos declarou, "Eis aqui o homem!" (Ver João 19:1–5.)



Em uma cidade húngara que já tivera o nome de Joseph Stalin, estes alunos do seminário estão descobrindo a beleza do evangelho, alegrando-se com seu dom recém-descoberto e compartilhando-o com outros.
(Ver "Seminário no Danúbio", página 34.)

95984059